

sal. arraial

parque das salinas

caderno documental

sumário

Trabalho Final de Graduação II

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

FAU
UFRJ



UFRJ

Rio de Janeiro. Novembro, 2020

Reitora Denise Carvalho

Decana Cristina Grafanassi Tranjan

Diretora Andrea Queiroz Rego

Orientador Carlos Feferman

Co-Orientadora Raquel Tardin

02	sumário
05	PROLÓGO
06	antes
09	ARRAIAL
10	sal
12	da água ao sal
18	indústria
20	conflito
22	dinâmicas
26	depois
29	POTÊNCIA REMINISCENTE
30	cidade parque
36	parque das salinas
40	campo de possibilidades
42	turismo
59	DINÂMICAS DO LUGAR
60	poética
62	agentes
94	temporalidade
97	SAL.ARRAIAL
98	reminiscências
102	cenários
110	diretrizes
118	elementos
120	parque
143	EPÍLOGO
145	ANEXOS
156	BIBLIOGRAFIA

O projeto SALARRAIAL - PARQUE DAS SALINAS se desenvolve a partir buscando explorar soluções para a forma que nos relacionamos com o espaço, o poder dele sobre nós e o poder concedido a quem os cria.

Na busca de uma ótica crítica e sensível durante a abordagem de lugares antrópicamente vulnerabilizados, o projeto busca através de suas especificidades e características ímpares, dar voz aos verdadeiros participantes da construção dessa paisagem, às histórias que ali foram construídas e as potencialidades sensoriais inquestionáveis e significativas para o coletivo.

prólogo

vivências individuais
no espaço coletivo

antes

O trabalho desenvolvido se debruça sobre a área da empresa falida Companhia Nacional de Álcalis (CNA), localizada na cidade de Arraial do Cabo, na Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro. Com a falência da empresa, em 2006, a área que era destinada para a extração de sal tornou-se uma paisagem inocuada, ferida e vulnerabilizada.

A análise da importância simbólica e produtiva em potencial das salinas se contrapõe às atuais dinâmicas biofísicas e socioculturais desta paisagem. Divergem, também, das atuais intenções da legislação urbana para aquela área. Aprofundando as análises, através da metodologia de análise sistêmica (TARDIN, 2008), a fim de esmiuçar problemáticas e potencialidades dessa área, objetiva-se reivindicar e reinventar a paisagem, valorando seu passado e tratando de forma crítica os conflitos atuais.

A partir desse objetivo, busca-se dialogar com o limite da percepção, memória e paisagem, representados nos ensaios desenvolvidos durante a primeira etapa do projeto; que surgem como tentativas de implementar valor ao uso das atuais áreas esvaziadas e, principalmente, entender os cruzamentos da poética da paisagem

antrópica com a materialidade do sal, sua mutabilidade, diversidade, seus estímulos e a ambiguidade com a paisagem natural.

As mesmas análises foram importantes para também identificar outras temáticas quanto a escala, fluxos e principalmente sobre o direito à cidade/paisagem. Para além disso, ajudaram a compreender a relevância dessa área, que vem sofrendo ameaças diante dos vetores de crescimento do distrito sede e, por fim, serviram como prova da incoerência da atual conjuntura, diante das problemáticas e potencialidades que a própria natureza suscita.

Isto posto, foi se traçado o um recorte de atuação que evidencia a paisagem dentro dos cenários de interseção entre as salinas com outros elementos de vegetação, cursos hídricos e das dunas.

A cidade de Arraial do Cabo, cercada de parques e reservas estaduais, apresenta ao projeto uma diversidade de fatores que instigam a um olhar sensível à paisagem.

O sal, matéria que está presente em toda a história do município, evidencia uma ascensão gradual de contrastes e descasos com as qualidades ambientais e turísticas que Arraial detém. Sendo este o ponto de investigação e riqueza que dá corpo e embasa o projeto.

a r r a i a l

c i d a d e p a r q u e

sal

A presença do sal e sua relevância ajudam a construir a imagem da cultura social originária de Arraial do Cabo. Para além de criar um traço demonstrativo histórico-industrial do município, o sal baliza uma narrativa coletiva, que atravessa o tempo, as atividades económicas e as próprias funcionalidades da matéria.

O histórico do sal na Região dos Lagos foi construído em três fases. Precedentemente, logo após as primeiras ondas de migração de portugueses, na qual a técnica de extração de sal - muito comum em Aveiro e Figueira da Foz - foi fonte de subsídio para famílias¹.

Em um segundo momento, o crescimento de tais salinas movimentaram sua comercialização. Com as Salinas Perynas a frente, o governo federal aprova a construção de um porto, que seria canal de escoamento da produção salineira local.

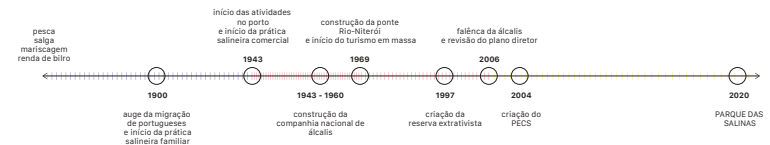
Num último momento, a produção do sal se altera drasticamente, tomando dimensões excessivas. Com a presença da recentemente implementada CNA, a ocupação de uma antiga área de restinga dá lugar a exploração em escala industrial¹. A área das salinas da CNA ocupavam

1 Ver mapas "salinas familiares vs industriais" no anexo.

2 Figuras AA, BB, CC, DD, EE, FF no anexo.

aproximadamente 25% do território de Arraial do Cabo, e atualmente expõe com maior área do que a do distrito sede. Tais escalas e fases da extração salineira induziram, progressivamente, a uma perda da atuação e proximidade da escala humana², bem como necessidade do uso de maquinários que substituíram as técnicas mais artesanais da prática.

Cronologia 01: O sal durante a história de Arraial do Cabo.



da água ao sal

A implementação de um grande território de salinas³ no centro do município demandou um planejamento quanto a sua utilização. A aplicação das técnicas salineiras através dos tanques de evaporação é feita de forma escalonada (vide ilustração, pág. 15) para que a concentração de sal aumente conforme a água evapora. Desta forma, o território das salinas da Álcalis foi dividido em 3 grandes áreas que se baseiam nas etapas da produção: os marnéis, os concentradores e os cristalizadores; que respectivamente conduziam a água e o sal até chegar à indústria.

Inicialmente, essa água era captada da Lagoa de Araruama e bombeada durante todo o percurso. O esquema da ilustração⁴ indica o funcionamento geral em uma salina, no qual a calha de infiltração, responsável pelo nivelamento da água em todos os tanques, circunda o perímetro total das salinas e é constantemente bombeada pelo moinho (quando em salina familiar) ou por casas de bombas (quando em salina industrial/comercial). A medida que os tanques se tornam mais rasos, a água se concentra ainda mais. Isso demonstra uma técnica natural e 100% renovável de extração de sal, feita inteiramente através do controle da

³ Ver mapas "salinas familiares vs industriais" no anexo.

⁴ Ver diagrama 02 "funcionamento das salinas" nas figuras 01, 02 e 03 na página 15.

evaporação sobre a água salgada, do vento e do movimento da água.

Sempre através da calha de infiltração, era capaz percorrer por diferentes tanques em áreas distintas do vasto território das salinas da Álcalis. Essa poética, de liberdade do percurso da água, e de aleatórias combinações - ainda que dentro de um sistema de tanques hierárquicos - será posteriormente tratada.

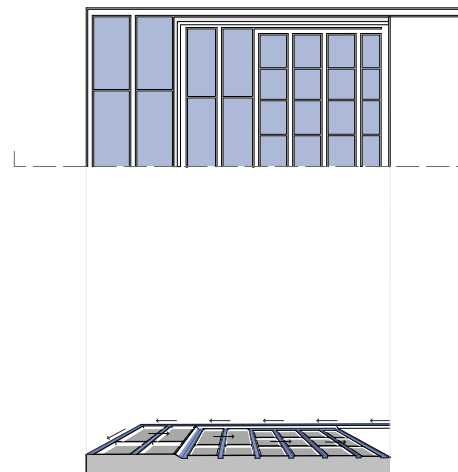
Desta abordagem, visa-se questionar a atual condição dos trajetos pela malha das salinas, seus acessos e usos. As salinas apresentam características únicas quanto a esfera do ecossistema. São consideradas um habitat complexo por constituir um gradiente contínuo de salinidade (ROCHA, 2012) - que permeia entre mar/lagoa hipersalina e tanques com concentrações bem definidas. Devido a isso, suas prospecções vão além da extração salineira (ROCHA, 2012) e adotam um caráter abastecedor aos serviços de suporte e regulação de ecossistemas (como destino de aves migratórias e/ou estabilidade a biotas mais frágeis à reprodução no ambiente salobro do manguezal), bem como um caráter educativo, cultural, recreativo, terapêutico/medicinal e produtivo.

Apesar de suas prospecções não serem amplamente exploradas, houve, em 2004, a criação da Reserva

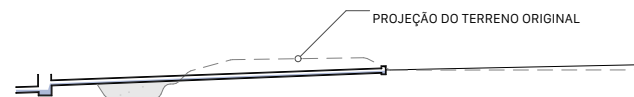
Extrativista Salineira da Região dos Lagos servariam as salinas da orla da Lagoa de Araruama, justificadas pela importância das mesmas quanto ao auxílio na preservação e manutenção dos ecossistemas com as quais se relacionavam (como, parte da Área de Proteção Ambiental de Massambaba, áreas de restingas, áreas do Parque Estadual da Costa do Sol).

Ainda que a área referente as salinas da Álcalis não esteja incluída na Reserva Extrativista Salineira, é de extrema importância a validação da pertinência da reserva, para que se possa entender e evidenciar que as salinas da Álcalis também possam ser entendidas como área de importância biofísica.

Figura 01
Ilustração
esquemática do
funcionamento das
calhas de infiltração
das salinas.



Figuras 02 e 03
Cortes esquemáticos
do funcionamento
das calhas de
infiltração das salinas.



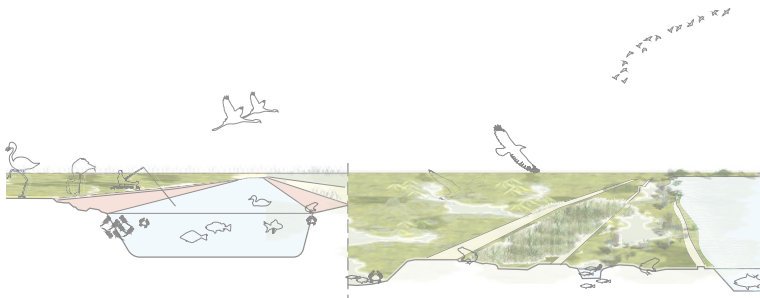


Figura 04.
Paralelo entre o habitat natural dos bréjos, e sua diversidade e o habitat controlado induzido pelos tanques das salinas e suas diferentes concentrações de sal, levando a ambientes controlados repletos de diversidade.

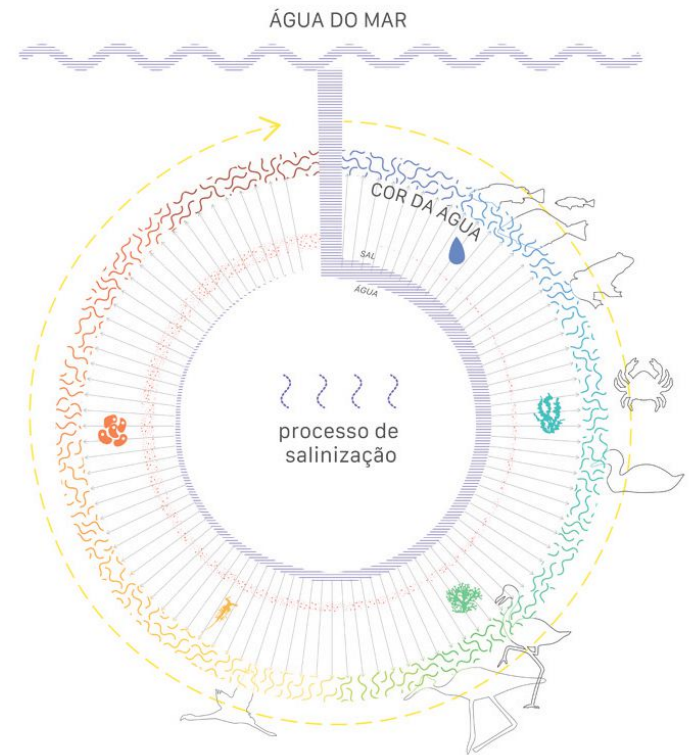


Diagrama 01.
Diagrama do processo de extração salineira e sua diversidade "cíclica".

indústria

A empresa falida Companhia Nacional de Álcalis (CNA) se localiza na cidade de Arraial do Cabo na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro. Com a falência da empresa, a área que era destinada para a extração de sal se conformou como uma paisagem ferida e vulnerabilizada. Atualmente, essa área está no alvo do vetor de crescimento/expansão urbana, o que ameaça suas potencialidades como espaço de importância para as questões culturais e produtivas.

No entanto, as salinas da indústria Álcalis se diferenciam do cenário das típicas salinas familiares, muito presentes no entorno da Lagoa de Araruama. Diferenças muito notórias são, principalmente, a ausência de escala humana, de técnicas mais rudimentares (tão comuns na prática de extração salineira) e o aumento das dimensões de tanques de extração.

Esses fatores, potencializam o esvaziamento atual - tanto de vivência, quanto de função - desta área que antigamente era zona de atuação de comunidades tradicionais da restinga - e logo, cheia de memórias, significados e vivências.

Hoje em dia, o município de Arraial do Cabo tem sua economia baseada no turismo, que durante a

alta temporada de verão triplica sua população (27.715 habitantes à 75.000 habitantes, segundo o IBGE). A questão do turismo em Arraial, no entanto, se traduz de forma incoerente e dual. Pois ao mesmo tempo que o turismo vende uma imagem de praias paradisíacas, se torna agente predatório na natureza, sua própria fonte de exploração.

A indústria, responsável pela atração da população nos anos 60 para esta área, acaba por popularizar, conseqüentemente, o atual acesso turístico a esta região. Nas duas situações, seja a indústria ativa ou falida, a Álcalis se mostra como causa do processo econômico do município de Arraial (BERQUE, 1998). Numa visão projetual, pretende-se estender essa aleatoriedade da indústria de forma a fazer com que a área que contemple a Álcalis seja novamente um agente diretamente atuante nos valores do município: sejam eles, culturais, sociais ou econômicos.

conflito

O conflito, como explicado pela ausência de concordância, se conforma nesse caso ao explorar o “entre”. Posto formalmente: a análise da importância simbólica e produtiva em potencial das salinas se contrapõe as atuais dinâmicas biofísicas e socioculturais desta paisagem. Divergem também das atuais intenções da legislação urbana para aquela área.

É necessário reforçar que, da forma que se propõe a ocupação e utilização desta área, se configurará uma constante ameaça da expansão urbana às salinas e aos seus potenciais socioculturais, cênicos, produtivos. Arrisca-se perder uma área que hoje se configura como amortecimento das áreas de restinga - vegetação originária que apresenta mais do que apenas importância vegetal, mas também questões socioculturais, memórias de comunidades tradicionais e antigas práticas sustentadas pela mesma (DA FONSECA-KRUEL, 2006).

Além disso, ignora-se o potencial para além do biofísico. As possibilidades de uso desta área como fonte produtiva (ecoturismo e/ou produções sustentáveis), como área de pesquisa e educação e como área cultural e recreativa são negadas ao se prever uma área ocupação urbana.

No entanto, o território da Álcalis exprime vários cruzamentos, os quais geram a grande riqueza do conflito. As salinas serão o entre da produção familiar e da produção industrial. São também a evidência que está entre o passado e o presente, quando se mostram estruturas ainda fortemente presentes nessa paisagem, mas que convivem e conflitam com a retomada da vegetação, ocasionadas pelo abandono. São a ambiguidade de processos planejados vs. não planejados, quando colocamos luz às situações de alagamentos controlados na época industrial e casuais perante as enchentes. São, dentre outros diversos de cruzamentos, a interseção entre o privado e o público, a ordenação e o caos.

Explorar esse “entre” a nível de projeto, ajuda a ilustrar e minimizar um conflito funcional quanto suas dinâmicas sistêmicas, mas também a evidenciar a riqueza e complexidade deste território, mostrando-se como um caminho para valorizar suas particularidades, temporalidades, ambiguidades.

análises sistêmicas

A rotatividade do funcionamento das salinas, e o recente abandono da área põem em cheque as análises comuns de dinâmicas do espaço. As dinâmicas apresentadas na 1ª etapa deste trabalho, se basearam em um estudo aprofundado de cartografia, entrevistas, documentos e análise de observação. Sendo possível mapear áreas e a recorrência de processos durante os últimos anos. Isso ressalta possibilidades e potencialidades específicas e permite que se trace diretrizes que sejam coerentes a seus atuais funcionamentos.

Ao mapear as áreas analisadas, é possível visualizar parâmetros para cada conformação. Entendidas como áreas de importância quanto ao auxílio na manutenção da unidade das vegetações de restinga e de massas florestais, objetiva-se a preservação das áreas em que as salinas apresentam um princípio de reaparecimento vegetal e/ou de alagamento. Dessa forma, não fragmentar as massas vegetais da restinga consideradas essenciais para que esse ecossistema não se torne vulnerável quando em paralelo ao crescimento da malha urbana e conformando eixos e corredores que preservem essa paisagem e que auxiliem na manutenção das demais.

Nessas áreas de preservação é possível prever e propor, posteriormente, usos, atividades e ocupações que sejam coerentes a suas respectivas importâncias quanto ao sistema biofísico como um todo e conformar eixos e corredores que preservem essa paisagem e que auxiliem na manutenção das demais.

Também se confronta o plano diretor de Arraial do Cabo de 2006, que prevê diretrizes para a área analisada em questão que pressionam e ameaçam ameaçando os limites das áreas atualmente já protegidas (PECS, aqui antes já citado como Parque Estadual da Costa do Sol e a zona de preservação da vida silvestre ZPVS).

Em todas essas áreas de preservação é possível prever e propor, posteriormente, usos, atividades e ocupações que sejam coerentes a suas respectivas importâncias quanto ao sistema biofísico como um todo.

Com a intenção de uma melhor leitura e apropriação desse espaço, propõe-se repensar as diretrizes para essa área, entendendo as dinâmicas como principal fator para se propor seus usos apropriados:

_biofísicas, entende-se a paisagem como fator determinante na:

preservação de ecossistemas já existentes e no estímulo a outros (sendo

esses habitats de peixes, crustáceos, aves migratórias e bactérias halófilas, entre outros); na manutenção de áreas alagáveis e que conformam paisagens cênicas mutáveis; e proteção de áreas que apresentam recuperação vegetal.

_socio-culturais, a paisagem das salinas apresentam possibilidades: educativas; recreativas; medicinais e terapêuticas; e de resgate a memória das comunidades locais (pescadores, salgadeiras, rendeiras).

_urbanas, como leitura do valor produtivo das salinas, entendendo esse potencial:

turístico quanto à visitação, lazer, participação e hospedagem; produtivo enquanto extração salineira, fazenda pesqueira; e produtor de β -caroteno e outras matérias-primas.

Dessa forma, áreas onde não há intenção a se preservar (seja por ausência de vegetação preservada ou em regeneração; seja por ausência de alagamentos ou áreas úmidas; seja em área de salinas secas) propõe-se um uso que varia entre:

- _ área de maior intervenção
- _ área de amortecimento
- _ área de uso controlado e impermanente

Possibilidades do turismo em salinas. Referências internacionais.

Figura 05. Tour para observação dos passaros. Salinas do Ludo, Portugal.

Figura 06. Fazenda pesqueira. Secovlje Salina, Eslovênia.

Figura 07. Área de ensino e pesquisa. Salinas de Anana, Espanha.

Figura 08 e 10. Tour panorâmico. Salinas de Aigues Mortes, França.

Figura 09. Lagoas coloridas e flutuantes. Salinas de Torre Vieja, Espanha.



depois

O estudo aprofundado do caráter produtivo, educativo, recreativo e cênico das salinas adicionou mais complexidade a atual paisagem da falida indústria Álcalis; cruzando essas importâncias (que muito se misturam com o grande simbolismo da era ativa da indústria para o desenvolvimento da antiga aldeia de pescadores de Arraial do Cabo (BERQUE, 1998)) com as análises da 1ª etapa e com as futuras intenções, previstas no Plano Diretor 2011 e no Plano de Manejo em desenvolvimento do PECS.

Logo, as análises feitas até aqui, agregam-se ao estudo das potencialidades da paisagem das salinas, bem como da atual dinâmica do turismo em Arraial do Cabo (base da economia do município) e das possíveis interações e conciliações entre a paisagem da salinas com uma reinvenção do modelo de turismo.

Quando colocados sobre uma ótica projetual, os espaços a serem propostos, tendem a dialogar com as atividades já exercidas naquele território, propor novos usos e estabelecer uma conexão com a cultura e sociedade de Arraial do Cabo de forma colaborativa e participatória.

Ao tirar proveito das análises biofísicas, de sua temporalidade cíclica

e de seus diversos ecossistemas possibilitados pelo sistema técnico dos tanques das salinas, visa-se também um projeto completo e abrangente que possibilite usos ao longo de todo o ano, vislumbrando uma possível conciliação entre o “calendário” da natureza e o calendário turístico.

Nesse processo de traçar os objetivos que se visa para cada área - dentro das diretrizes desenvolvidas, dos potenciais e das sutilezas delas - pretende-se entender os espaços a serem criados, as descobertas propostas para cada um deles, desenvolver mais a fundo o parque pensando seus parâmetros de uso, ocupação e permanência, seus cenários, seus acessos, suas bordas, seus percursos e suas possibilidade de deslocamentos e vivências...

Apoiado nos estudos e análises, no entendimento do simbolismo, nas tradições históricas e nas vivências possíveis (CLEMENT, 2004) traça-se 3 situações onde se propõe intervenções para evidenciar contrastes e complexidades do lugar. As situações explicitam a sensibilidade da matéria, a simbologia da indústria (BERQUE, 1998) e a resiliência e reivindicação das práticas tradicionais no espaço antropologicamente alterado.

Em “Manifesto da Terceira Paisagem”, Gilles Clement afirma “sobre os limites da terceira paisagem: considerar a margem como um território de investigação de riquezas”.

Sustentado pelo olhar generoso do autor, o projeto busca olhar para a realidade da falida indústria Álcalis através de uma ótica de investigação e proposição. Entendendo o abandono como uma potência e suas “poderosas dinâmicas” no lugar como uma possibilidade de um parque vivo no âmbito temporal.

potência
reminiscente

abandono industrial como potência

cidade parque

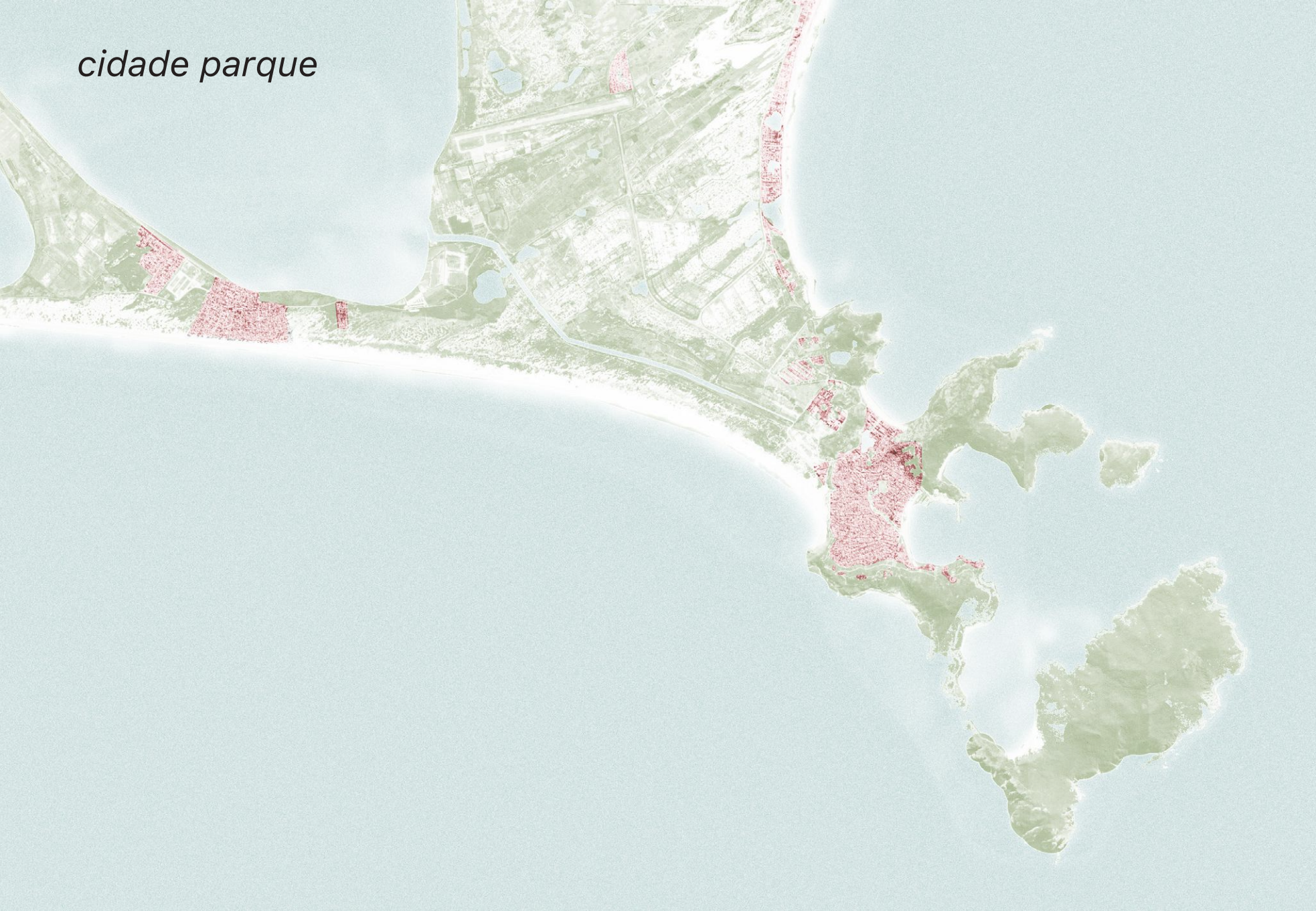
O município de Arraial do Cabo, especialmente seu distrito sede, se conforma entre uma topografia que enquadra o processo de urbanização numa moldura da natureza. Os morros, as praias e a lagoa abraçam a cidade com fauna, flora e mar. A presença de partes do PECS no município reforça a necessidade de coexistência e cooperação entre cidade parque. Bem como, ilustra a importância de evitar que o PECS se torne apenas fragmentos soltos numa malha urbana densa, e assim, irreversível à volta de uma unidade resiliente de toda a extensão do parque.

Nessa ideia de preservação e unidade do parque, e principalmente na de que a cidade é abraçada por sua natureza, o parque adota uma função articuladora e que cria interdependências entre a malha urbana e as áreas de proteção.

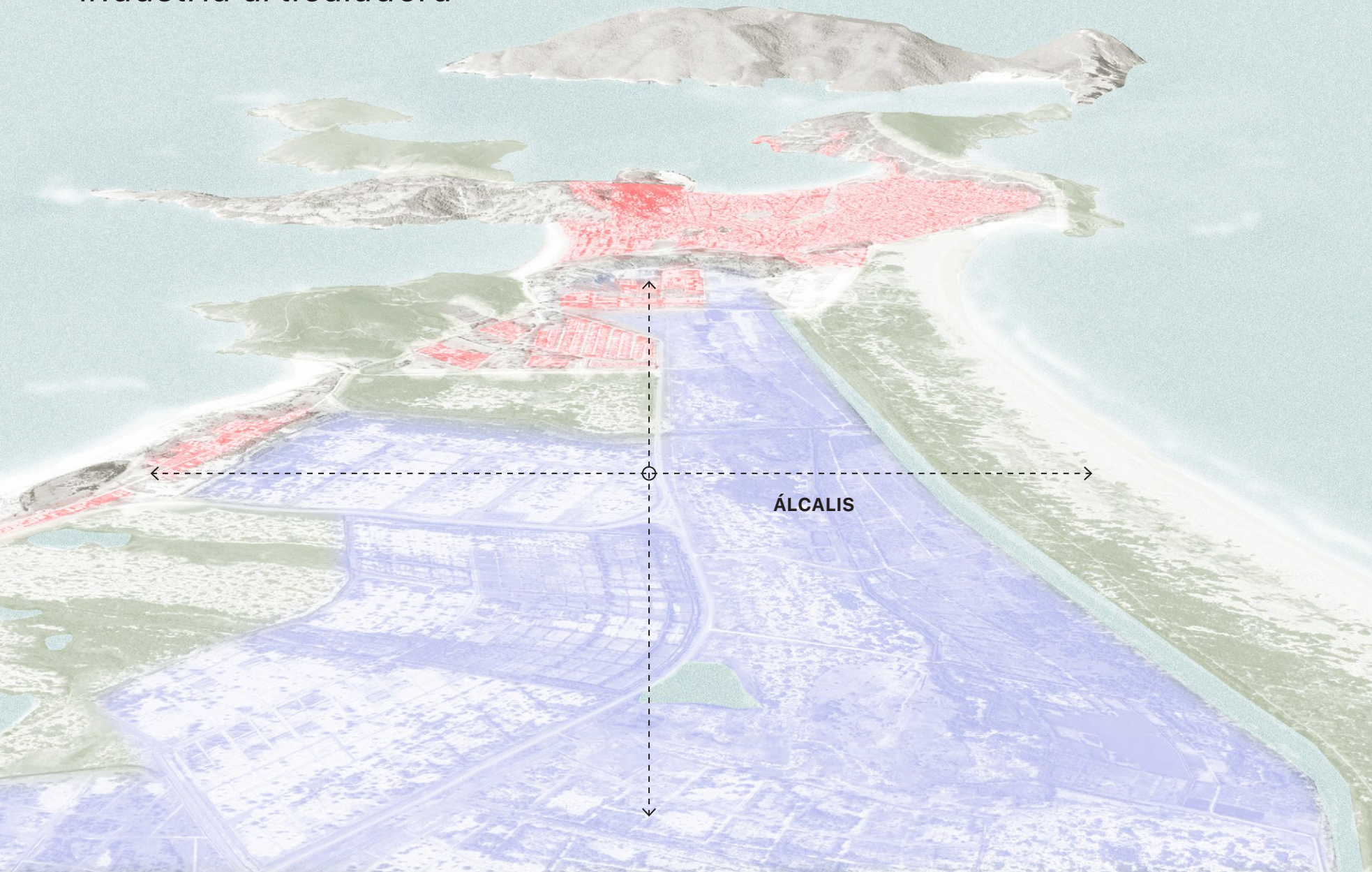
Ao entender que essa área é, inevitavelmente, um vetor de crescimento, pode-se estimar conforme as diretrizes traçadas, áreas e parâmetros para tal. Dessa forma, colaborando para que a ocupação entre e “dentro” do parque esteja sempre alinhada à práticas de preservação e estímulo ecológico. Pensando para além disso e entendendo que o parque lida com uma

área recortada pelo traçado da rodovia, é ideal usar de seu espaço para suprir uma necessidade de fluxos e atravessamentos inerentes a qualquer cidade.

cidade parque



indústria articuladora



parque das salinas

Ao entender a especificidade da área a ser intervinda, pode-se destacar a importância de seu local para os atravessamentos, vetores de crescimento, fluxos rodoviários e intermunicipais. O parque, adota então característica permeável ao nível do frequentador e a nível urbano, possibilitando-o a assumir as qualidades de fluxos do local.

Quando se aborda a questão da experiência neste espaço, no âmbito da vivência humana, faz-se entender que a interpretação espacial é fruto apenas de percepções individuais originadas de experiências prévias e fazem com que levantem-se o questionamento quanto a possibilidade do locus ser um campo de possibilidades⁵ de vivências particulares. Ao intuir que é a definição desses parâmetros que torna um espaço menos limitado e mais abrangente, devemos também considerar a possibilidade de conceder autonomia as escalas, as personas e os elementos - uma vez que, essas são as peças para que o lugar se torne um espaço repleto de vivências humanizadas e valores do "inconsciente coletivo" local.

O projeto e o traçado do parque se desenvolvem a partir deste questionamento, buscando explorar

5 Ver imagens sobre "campo de possibilidades", na página 40.

soluções para a forma que nos relacionamos com o espaço. Na busca de uma enfoque crítico e sensível durante a abordagem nesta paisagem vulnerabilizada e ferida, o projeto busca dar voz aos verdadeiros participantes da construção dessa paisagem, às histórias que ali foram construídas e as potencialidades inquestionáveis e significativas para o coletivo.

Com base na intenção de tornar os lugares em espaços autônomos, diversos e únicos, dando voz as escalas, personas, as memórias e a liberdade, vislumbra-se a proposta de tornar responsável quem percorre o espaço, através da causalidade. Com percursos que cortam e atravessam por toda a área e incitam um constante desvelar de memórias, instiga-se o deslocamento de forma sensorial e simbólica. Dessa forma, espacialidades são traduzidas em fenomenologia e provocam uma crítica aos conflitos locais, reivindicando a presença da escala humana nesse lugar, bem como o direito de permanecer e se utilizar dessa paisagem.

As salinas se tornam palco de intervenções, criando lacunas a serem preenchidas por seus usuários. De forma complementar, o espaço, que já é uma malha de máximas possibilidades para quem o percorre, se potencializa através de ativações que

estimulam o simbolismo e as vivências. Evidenciando o individualismo dentro de um espaço público, damos luz para apropriações e interpretações diversas, fazendo desse lugar um espaço vivo de construção de experiências afetivas e ressurgimento de memórias. Nesse sentido, falando de forma mais abstrata, a sensorialidade se molda à matéria e à constante construção do lugar.

Como objetivo principal do projeto do parque, entende-se como essencial a possibilidade de percorrer (assumindo as qualidades de atravessamento do local), a de desvelar memórias (legitimando o simbolismo inerente a esta área (BERQUE, 1998)) e a de multiplicar e maximar as possibilidades (proporcionado pela reinvenção e ativação dos não-lugares ao longo do percurso (CLEMENT, 2004)). Dessa forma, o traçado projetual do parque o afirma como um percurso, que contempla dispositivos, lacunas, ativadores e amplificadores estimulando o deambular do visitante. Admitem conexões sem fim causal - caminhos que valem por si só - permitindo eventualidades por entre estes.

campo de possibilidades

Ainda que configurado e definido como uma área esvaziada, as salinas apresentam acontecimentos. Ao se qualificar desta forma, entende-se que fluxos, prática de esportes, percursos recreativos e utilização desse espaço como zona de infraestrutura, sejam reivindicações de tornar esse espaço próprio para apropriações.

Sua malha de implantação, sua rotatividade cênica⁶ e sua localização entre malhas urbanas dos municípios reforçam sua potencialidade para usos transitórios, impermanentes, apropriáveis e imprevisíveis, antevendo um campo de acontecimentos que viabiliza uma zona de total probabilidade e possibilidade de ações.

Dentro do perímetro da zona de intervenção foi possível mapear tais acontecimentos na paisagem. Dessa forma, identifica-se padrões de uso e locais propícios a atuação do homem e permitem entender quais são os usos já praticados, a fim de potencializá-los e propiciar novos usos que sejam coerentes com os pré-existentis:

- _ lagoas
- _ infraestrutura remanescente
- _ caminhos

6 Rotatividade cênica representando as diferentes temporalidades do ciclo do sal dispersas pelo terreno. Ora atravessando áreas de tanques alagados, ora andando lado a lado à vastas áreas secas e brancas. Potencializado ainda pela presença de espécies diferentes que podem ser vistas de tanque a tanque e pela apropriação entrópica das áreas pela natureza.



turismo

O turismo em Arraial do Cabo tornou-se a principal base da economia do município; resultado, também, da inauguração da Ponte Rio-Niterói que facilitou o acesso à região, marcando o início do turismo de massa. A exploração dos recursos naturais sempre esteve a frente das atividades econômicas do município. Diferente da antiga base econômica, agora Arraial do Cabo torna sua própria natureza como fonte produtiva e econômica. Muda-se o viés: do extrativismo (pau-brasil), para a produção de sal e pesca, para a industrialização (em função da exploração dos recursos naturais locais) e por fim o turismo.

Conhecida por sua natureza exuberante, de vegetação preservada e praias cristalinas, Arraial se promoveu, nacional e internacionalmente, como destino de veraneio. Nesse nicho turístico, o município atraiu públicos específicos para suas melhores qualidades naturais, como:

_o fundo do mar⁷: atrai mergulhadores e é favorecido pelo fenômeno da ressurgência, que proporciona uma exuberante fauna marinha.

_as praias⁷: atraem banhistas, pescadores, esportistas náuticos pela qualidade e condição dos ventos e da

⁸ Ver mapas "turismo atual", página 46.

⁷ Ver figuras GG, HH, II, JJ, KK, LL no anexo.

temperatura. Aproveitam o mar seja nas praias ou em passeios de barcos⁸ pelas ilhas.

_os morros: com a presença predominante da mata atlântica, propicia-se caminhadas ecológicas, trilhas com presença de raras espécies florais, frutas silvestres e plantas medicinais.

No entanto, como anteriormente mencionado, o turismo que vende a imagem da natureza exuberante de Arraial é o mesmo que a denigre. Nesse sentido, ainda que o turismo venha sendo criticado, como a fonte mais expressiva de poluição/degradação ambiental e de descaracterização cultural das áreas visitadas, pode-se prever/propor que haja a estimulação de ações voltadas à proteção/conservação dos aspectos naturais.

Outro questionamento é quanto a ausência de permanência do turista na cidade. Uma vez que a grande atração turística são suas praias, há a facilidade de visitá-las através de escunas com passeios (geralmente de curta duração) vindo também de municípios vizinhos, sem que se incentive uma permanência e estadia na cidade.

Navisão projetual de contemplar a Álcalis como um agente diretamente atuante nos valores do município: tira-

se partido das hierarquias de tanques das salinas e diferentes profundidades e concentrações para evidenciar ecossistemas únicos e possibilidades funcionais distintas. Cada um dos tanques, com suas características, atrai espécies e condições próprias. Dessa forma, a fim de potencializar as pré-existências em cada local e numa tentativa de mesclar práticas tradicionais em sistemas industriais, com condições biofísica e introduzir programas turísticos diversos, divide-se inicialmente a área em quatro fases:

_marnéis: tanques de biodiversidade, menos concentração salina. Neles há a presença de peixes e é possível nadar.

_evaporadores: um pouco mais concentrados em sal, é possível ver crustáceos e peixes menores, ideal para pequenas produções. Aves também podem ser vistas se alimentando, possibilitando áreas de observatórios.

_concentradores: a maior concentração de sal é atração onde os visitantes podem flutuar. Aqui, há apenas invertebrados e, por isso, é destino de muitas aves migratórias. Área ideal para centros de informação, hortos e espaços de estudos e pesquisas.

_cristalizadores: por fim, conhecido pela presença do sal cristalizado, dos montes de sal empilhados e por sua corrosada, os últimos tanques são

interessantes para o contato com o sal em seu último estágio, implementação de lojas para venda de sal produzido pela comunidade, restaurantes locais que fazem uso do sal, além de casas de salga e áreas para o circuito sensorial.

turismo atual


LAGOA DE ARARUAMA

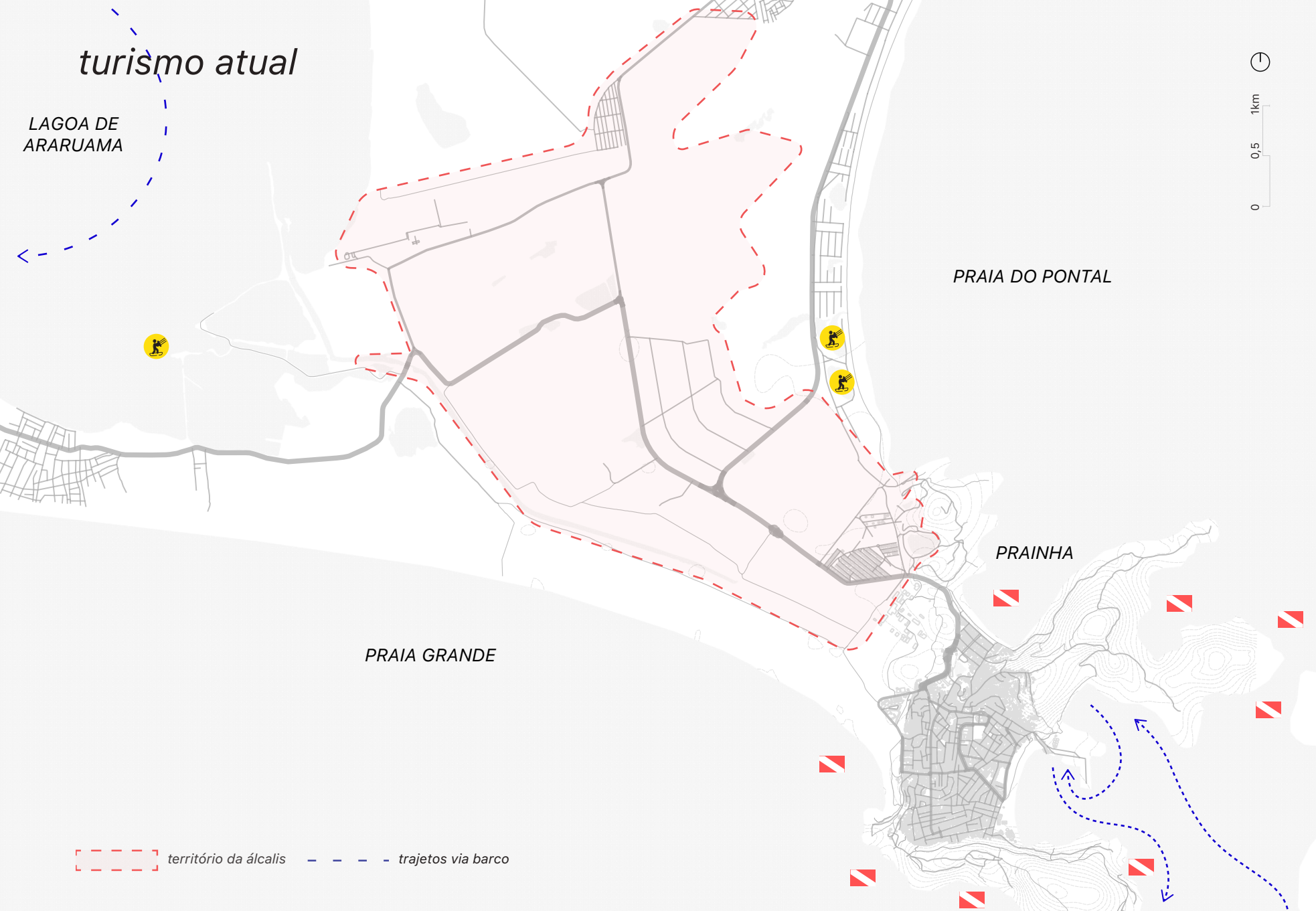


PRAIA DO PONTAL

PRAINHA

PRAIA GRANDE

 território da álcalis  trajetos via barco

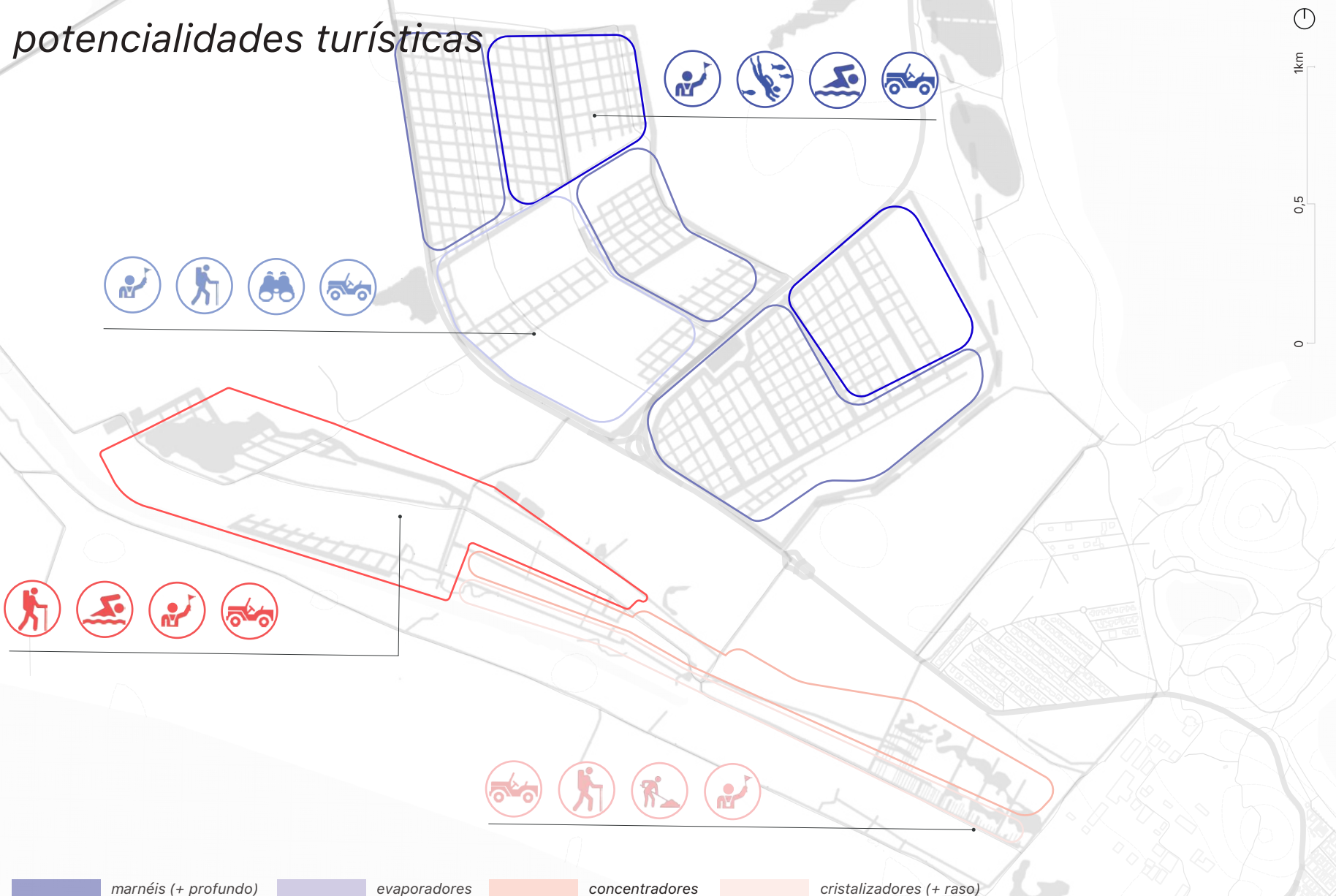


as salinas



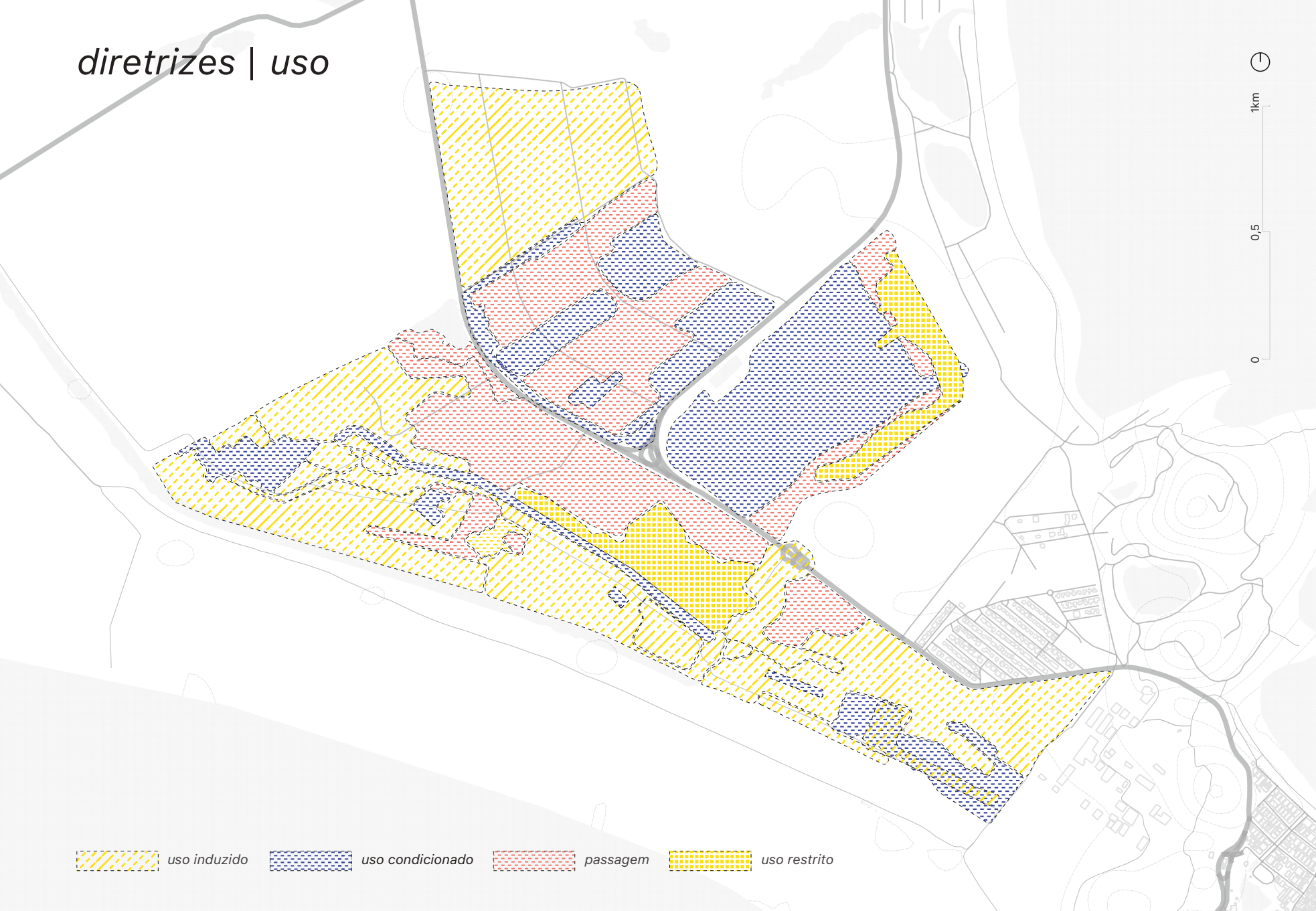
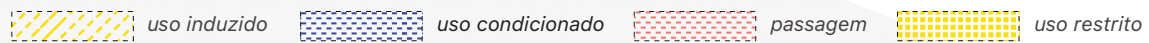
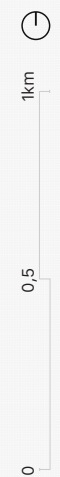
Mapa original do IBGE, 1978.

potencialidades turísticas

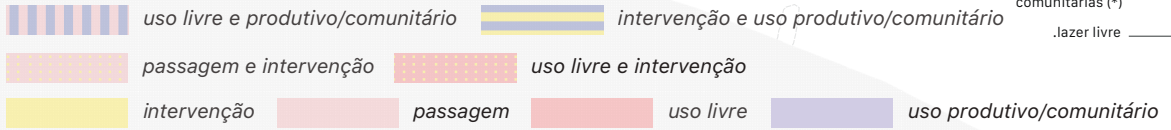
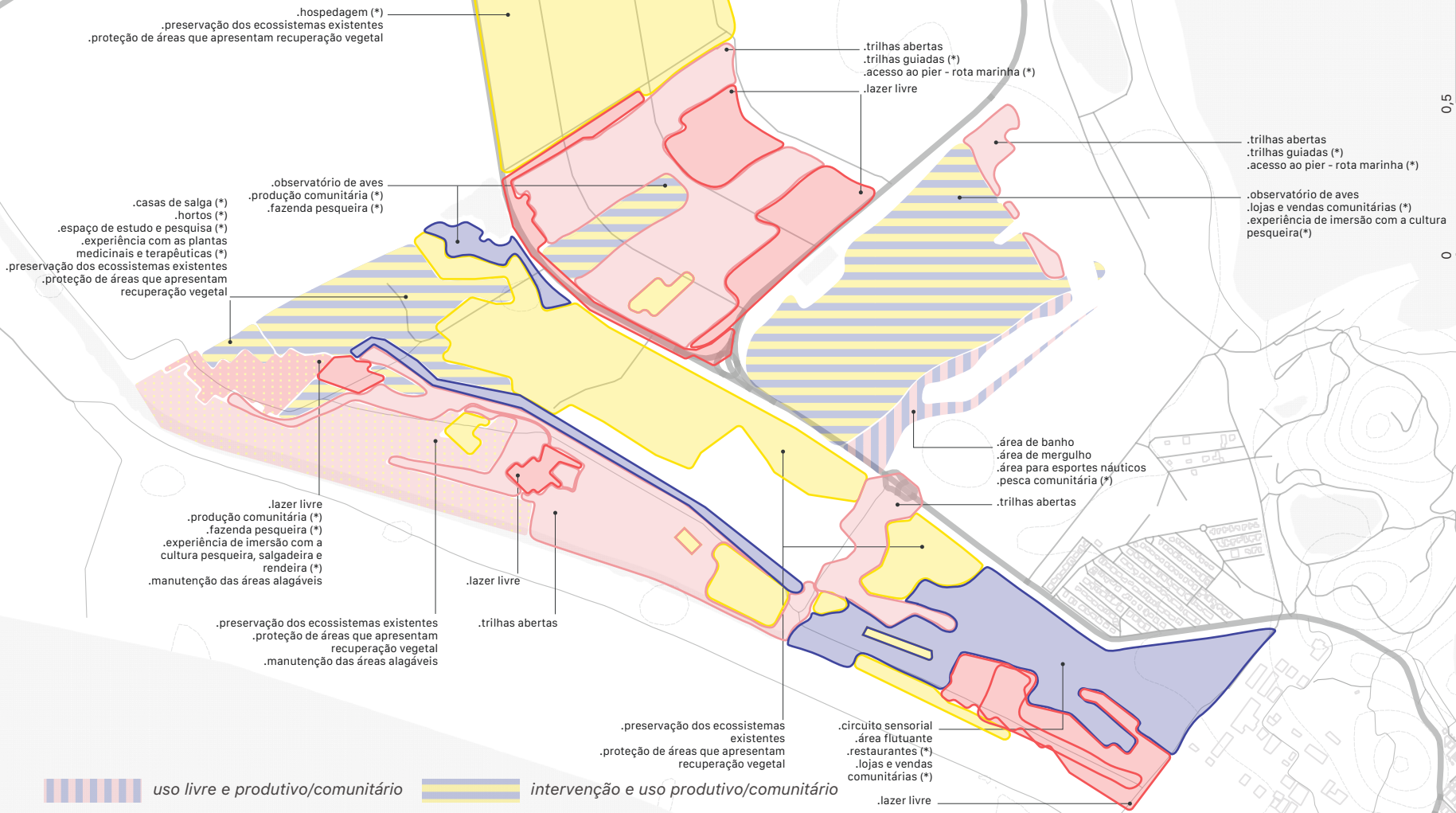
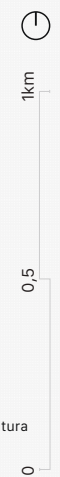


- marnéis (+ profundo)
- evaporadores
- concentradores
- cristalizadores (+ raso)

		explorar	sentir	estudar	participar
novos recursos	salinas	.área de banho .hortos (*) .observatório de aves .restaurantes (*) .lojas e vendas comunitárias (*)	.circuito sensorial .área flutuante	.espaço de estudo e pesquisa (*)	.casas de salga (*) .produção comunitária (*)
integrações	turismo atual	.área de mergulho .área para esportes náuticos .acesso ao pier - rota marinha (*) .trilhas abertas			.pesca comunitária (*) .trilhas guiadas (*)
estímulos	preservação	.preservação dos ecossistemas existentes .manutenção das áreas alagáveis .proteção de áreas que apresentam recuperação vegetal			
	cultural		.experiência com as plantas medicinais e terapêuticas (*)		.experiência de imersão com a cultura pesqueira, salgadeira e rendeira (*)
	produção				.hospedagem (*) .extração salineira (*) .fazenda pesqueira (*) .produtor de β -caroteno e outras matérias-primas (*)



zoneamento



A poética da matéria do sal cruza conceitos intangíveis pela análise das dinâmicas e é apenas compreensível pela sensibilidade cultural e cênica da observação.

Tendo como princípio a percepção, a memória e a paisagem o projeto investiga os cruzamentos da poética da paisagem antrópica com a matéria do sal, sua mutabilidade, diversidade, seus estímulos e a ambiguidade com a paisagem natural. Paisagens que evidenciam um limiar entre o intocado e o intervindo.

d i n â m i c a s d o l u g a r

p a i s a g e m v i v a

poética

Para entender a importância dessa paisagem, se faz essencial a leitura cruzada de seus valores, quanto aos valores das dinâmicas.

Logo, sendo esses valores plausíveis e desejáveis, a intenção de se criar cenários na paisagem se implanta a partir da combinação dos mesmos configurando espaços que potencializam, sistemicamente, as dinâmicas biofísicas, socio-culturais e urbanas em cada.

Para além disso, a poética das salinas cruza conceitos intangíveis pela análise das dinâmicas e apenas compreensível pela sensibilidade cultural e cênica da observação. Como a reivindicação da escala monumental das salinas dá Alcalis, os fluxos diversos e paralelos e direito ao uso que foi banido durante o funcionamento da indústria, os cenários de interseção das salinas com cidade/áreas de preservação/processos urbanos e um simbolismo latente no território marcado por reminiscências da indústria.

Tendo como princípio a percepção, a memória e a paisagem, os ensaios⁹ da 1ª etapa surgem como tentativas de implementar e recuperar valores da atual paisagem ferida e entender os cruzamentos da poética da paisagem antrópica com a matéria do

⁹ Ver figuras MM, NN, OO, PP, QQ e RR no anexo

sal, sua mutabilidade, diversidade, seus estímulos e a ambiguidade com a paisagem natural.

Nesse sentido, o projeto do parque se apoiaria nessas diversas escalas sensíveis a matéria. E num gradiente, se propõe a trabalhá-las através de diferentes escalas:

- _escala corporal
- _escala arquitetônica
- escala do parque

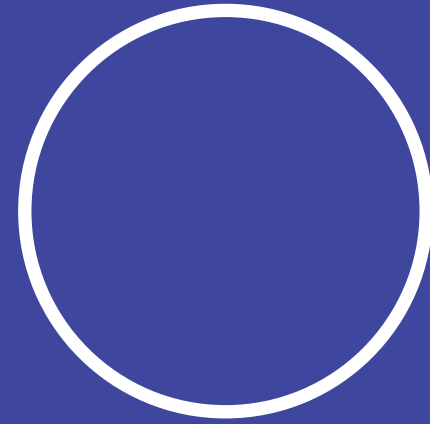
Entendendo que a escala corporal evidenciaria as relações com a materialidade e suas sensações, as escalas arquitetônica e do parque adotariam um olhar mais ampliado quanto ao processo do sal. Primeiramente, trabalhando os agentes locais¹⁰ que estão expressos no território através de suas ações que causam pontos de tensão ou pontos de potencial de ação. E, respectivamente, relacionando as bordas e as interseções do limite industrial (CLEMENT, 2004). Trabalhando dessa forma, a complexidade que reflete o limiar entre os tempos de Arraial do Cabo é destacada: a restinga, a indústria, o turismo, a população e as culturas.

¹⁰ Zumthor, em "Thinking Architecture", evidencia a importância dos atores do local, como o sol e o vento (nesse caso, falando especificamente dos atores perceptivos na produção salineira), e a convocação destes para participar do estímulo perceptivo no lugar, afim de serem potencializadores das experiências a serem vividas.

agentes

O sal, como defendido até aqui, é fruto de uma produção natural e limpa. Depende apenas do sol, vento e água para sua extração e por isso, suas paisagens - ainda que antrópicas - evidenciam um limiar entre o intocado e o intervindo.

Ao definir que as escalas corporal e arquitetônica estariam diretamente ligadas as sensações da materialidade e aos agentes essenciais na produção, podemos traçar recortes para intervenções. Revertendo a lógica dos pontos de tensão (locais onde há uma imprevisibilidade de caráter negativo, danoso ou improdutivo) para que se apropriem e apresentem de forma potencial (locais onde existe uma facilidade de utilizar as qualidades sensoriais e subjetivas da matéria para criar usos e espaços de caráter positivo, atrativo ou produtivo). Assim, o parque começa a estruturar intervenções e mergulhos às experiências corporais e ao engajamento cultural e emocional.



s o l

luz & vida

iluminar. irradiar. evaporar

Fonte de luz e vida, o sol é agente motor das atuais atividades turísticas de Arraial. Ativa os cenários de praia e banho de mar.

Foi, também, essencial para escolha de Arraial para abrigar a empresa nacional Companhia Nacional de Álcalis. Seu clima estável e com recorrência de altos índices solares garantem a evaporação desejada para uma boa extração salineira.

Por fim, presente na mais antiga cultura da região, o sol auxiliava no ato da pesca e na localização dos cardumes. Além de ser agente requisitado no processo final de salga e secagem dos peixes.

Seus aproveitamentos estão para além do tempo atual, e perpassam as culturas e realidades que Arraial já vivenciou. No entanto, o sol - tão valorado em tantos dos processos e tradições citadas - pode castigar quando há abandono.

As salinas da Álcalis, antigo território da restinga, estão hoje ameaçadas pela seca que ali ocorre. Áreas inférteis e sob risco de apropriação são alvo de queimadas e ameaçam constantemente o PECS que as circunda. Esse ponto de tensão no território, permite apropriação, cuidado e atenção potendo proporcionar uma transferência entre tensão e potencial de ação de projeto.

Foto 01 e 02.
Registro de área sem regeneração vegetal.
Salinas aterradas e secas se provam inférteis desde 2007

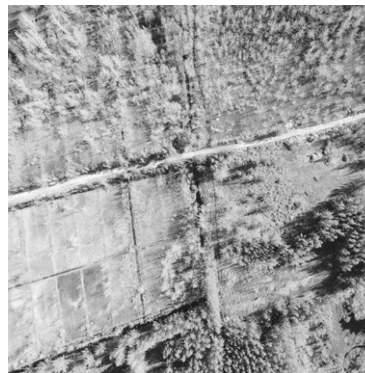


Foto 03.
Área de salinas secas, ao lado de canal auxiliar construído pela Álcalis, evidencia o contraste entre áreas de regeneração e áreas inférteis.



Foto 04.
Predominância da espécie "invasora" Casuarina que é facilmente disseminada em áreas sem vegetação. Além disso, resiste a salinidade do solo.

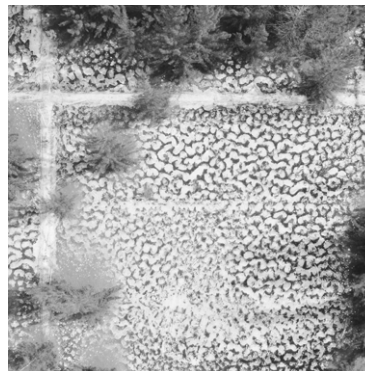


Foto 05.
Área de salinas secas que ainda apresentam a conformação da malha dos tanques da Álcalis e demonstram sua pouca adaptação a regeneração vegetal.

Foto 06.
Área de salinas secas paralela a rodovia principal de acesso a cidade.

Pontos no território que apresentam potencialidade deste agente, envolvem os aspectos de luz, calor, sombra, pontos centrais, etc e podendo também se relacionar e potencializar os demais agentes: ventos e água.

Sua luz, ideal para atividades ao ar livre vai além de uma função prática de iluminar. A luz do sol, já foi usada como relógio; o nascer e o pôr do sol nos ajudam a guiar. Seu conceito de astro-rei que por muitos séculos guiou os homens pelo mundo, nos ajudam a iluminar cabos e ilhas pelo mundo, através de faróis.

Analisando sua importância de forma mais subjetiva, o sol proporciona vida, faz crescer vegetação e participa do ciclo da água. Suas ações, sempre poéticas, inspiram arte pelo mundo. A reflexão, a refração, a irradiação, a iluminação, a evaporação, a formação de cores, a rotação... tudo fruto da nossa fonte de luz mais primária e intensa.

Reiterando o objetivo de transferir ações de tensão para ações de potência, o projeto se inicia na escala pontual ao propor novos usos e possibilidade para áreas tão essenciais mas neste momento tão abandonadas, traçando a partir da poética e da paisagem cênica novas perspectivas para as áreas em questão.

Foto 07.
Salinas parcialmente alagadas e parcialmente aterradas por massas de areias.

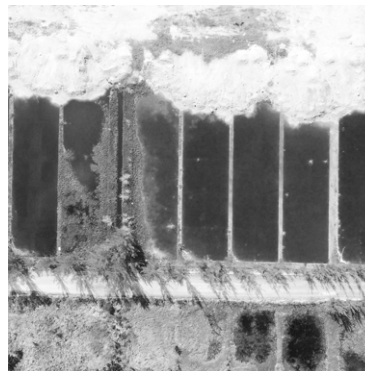


Foto 08.
Grande área alagada, lateral a um dos canais construídos pela indústria.



Foto 09.
Grande área alagada, proveniente a planificação do terreno.



Foto 10.
Salinas alagadas.

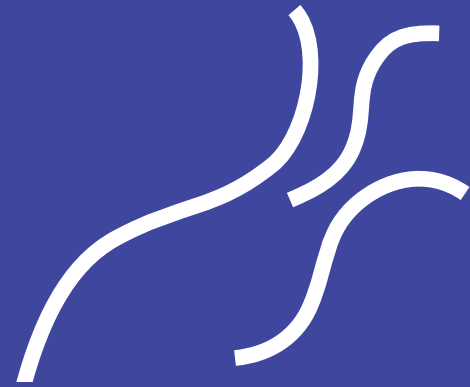


Foto 11.
Salinas alagadas.



Foto 12.
Salinas parcialmente alagadas demonstrando sua inclinação para o canal auxiliar central.





v e n t o

movimento & destino

levar. voar. agitar

Os pontos de tensões que tem o vento como agente tendem a ser mais imprevisíveis. Seus movimentos, direções e forças são mutáveis e muitas vezes ultrapassam nossas tentativas de planejar e prevenir seus danos.

Em Arraial do Cabo, o vento em combinação com seus conjuntos de dunas de areia, podem inviabilizar a utilização da rodovia que a atravessa. Casos recorrentes como esse movimentam massas de areia, invadindo a área da rodovia. Projetos que tendem a ir contra as forças da natureza e contra sua imprevisibilidade acurada.

Foto 13.
Rodovia RJ-140
sendo invadida pelas
dunas.



Foto 14.
Cata-vento na
margem da Lagoa de
Araruama.



Foto 15.
Grande massa de
duna sem vegetação
de suporte ou
fixação, sendo
soprada pelo vento e
fechando a rodovia.



Foto 16.
Duna do Perú e
Duna do Perú na
proximidade da Praia
do Foguete.



Foto 17.
Rodovia RJ-140
sendo invadida
pelas dunas. Limites
antrópicos tendem
a ser ineficientes às
ações da natureza.

Foto 18.
Duna do Perú,
tompada pela
INEPAC como
patrimônio cultural e
área de lazer.

As potencialidades do vento perpassam outros agentes locais, uma vez que é fator totalmente conectado com fenômenos oceanográficos (a ressurgência, que garante uma extensa diversidade marinha), definição do clima e do tempo local, etc.

Sua beleza, inerente a sua imprevisibilidade, se demonstra nas formas das dunas (tombadas como patrimônio cultural pelo INEPAC), na presença de moinhos e cata-ventos por toda a área da Lagoa de Araruama, na ampla abrangência do bioma de restinga (garantida pelo transporte de sementes através dos ventos), além da preferência nesta região por transportes marítimos e esportes que envolvem a força do vento.

Desde atividades tradicionais até as mais recentes práticas do município, o vento foi fator essencial e decisivo na conformação desta paisagem. A intenção de usar de suas potencialidades poéticas como forma de substituir seus danos por ganhos, vem conjuntamente ao desafio de tornar visível a sua invisibilidade. Seus efeitos, que são táteis por outros materiais e agentes, evidenciam uma natureza integrada que é afetada pelo sopro do vento, que voa, agita, sacode, transporta... que é difícil de ver e tocar, mas fácil de ouvir e sentir.

Foto 19.
Lagoa lateral a rodovia que liga Araruama ao Arraial do Cabo.



Foto 20.
Brejo próximo aos tanques das salinas.



Foto 21.
Canal construídos pela Alcalis, ligando a indústria a Lagoa de Araruama



Foto 22.
Canal auxiliar que deságua na Praia do Foguete.



Foto 23.
Brejo próximo aos tanques das salinas.



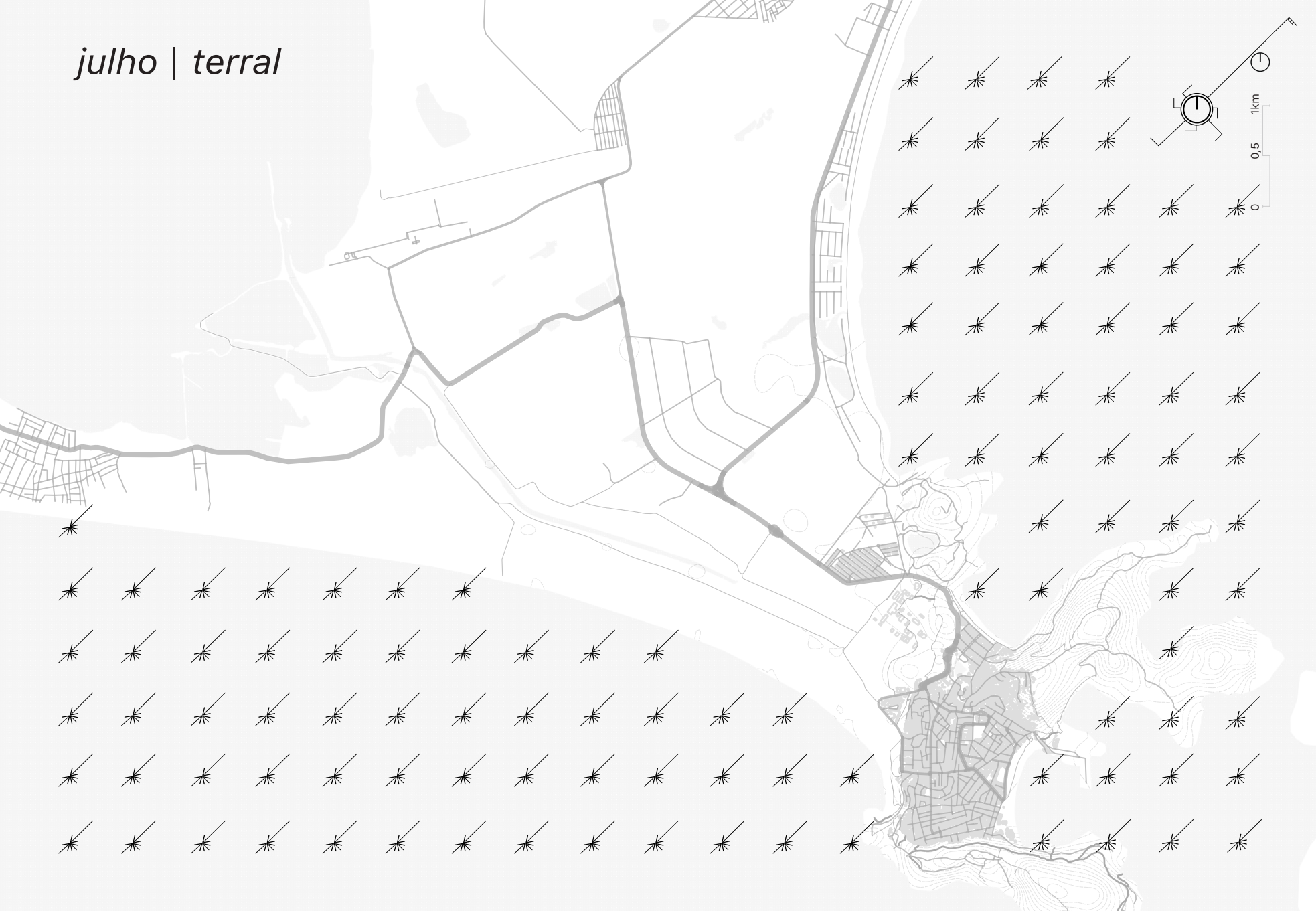
Foto 24.
Lagoa paralela à Praia do Foguete, destino de esportistas para prática de kitesurf.



fevereiro | maral



julho | terral





á g u a

mutação & ciclo

refletir. alagar. submergir. irrigar

Agente tão comumente problemático quando posto sob a regra ortodoxa e controladora do homem, a água quase sempre arruma formas de evidenciar que suas forças e seu ciclo são mais inabaláveis do que as construções antrópicas.

A Álcalis, no seu processo de implantação tentou transpor sua vontade ao desenho da paisagem. Criou canais, alagou áreas vegetadas e concretou áreas de estoário a fim de iniciar seu processo industrial de extração salinera. Suas obras - de caráter permanente que já ultrapassam 70 anos - se mantêm nesse território, ainda que atualmente reclamadas pela natureza.

É visível sob quaisquer perspectivas, que a natureza se apropria novamente desse lugar. As intervenções que estagnaram uma paisagem mutável e permeável, hoje ajudam a evidenciar os movimentos sazonais e rotativos desse ciclo da água. Seja feito pelos canais construídos pelo homem, seja empoçado pela tendência de brejos por toda a área.

Essas áreas, então, mostram linhas e planos de forças da natureza que sobrepõe as linhas de força dos traçados industriais, facilitando a intenção de trazer potencialidades poéticas e sensíveis aos gentes para o lugar de tensão e desordem.

Foto 25.
Salinas parcialmente alagadas e parcialmente aterradas por massas de areias.



Foto 26.
Grande área alagada, lateral a um dos canais construídos pela indústria.



Foto 27.
Grande área alagada, proveniente a planificação do terreno.



Foto 28.
Salinas alagadas.



Foto 29.
Salinas alagadas.



Foto 30.
Salinas parcialmente alagadas demonstrando sua inclinação para o canal auxiliar central.



As potencialidades da água já na atual perspectiva de exploração turística se mostram de forma promissora. Ampliando essas possibilidades para os cenários de relevância da água em combinação com a paisagem das salinas, novos usos podem ser considerados.

As características da água enquanto agente dessa paisagem são sutis e abordam a questão cíclica temporal. Evidenciam a impermanência e a sazonalidade (épocas de cheia, épocas de seca) além de delimitarem novos limites e diferentes usos que variam conforme sua conformação. Seu caráter é de transporte e conexão ao mesmo passo que de barreira e limite, indicando que a ideia de projetar essas áreas surja a partir de intervenções que abracem essa mutação.

Para além disso, pontos de potencial de ação de projeto reafirmam a qualidade do turismo atual: esportes náuticos, contato com a natureza, e imersão na natureza livre. Os usos condicionados desses espaços podem ajudar a mantê-los dentro das áreas de preservação e manutenção, ao invés de se assumirem como resíduos da indústria.

Foto 31.
Lagoa lateral a rodovia que liga Araruama ao Arraial do Cabo.

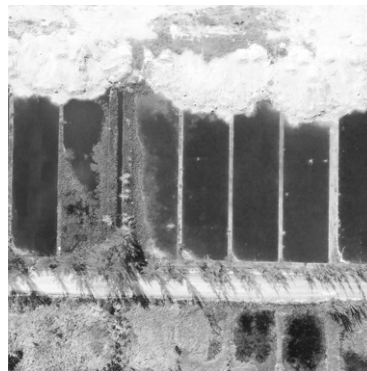


Foto 32.
Brejo próximo aos tanques das salinas.



Foto 33.
Canal construídos pela Alcalis, ligando a indústria a Lagoa de Araruama



Foto 34.
Canal auxiliar que deságua na Praia do Foguete.



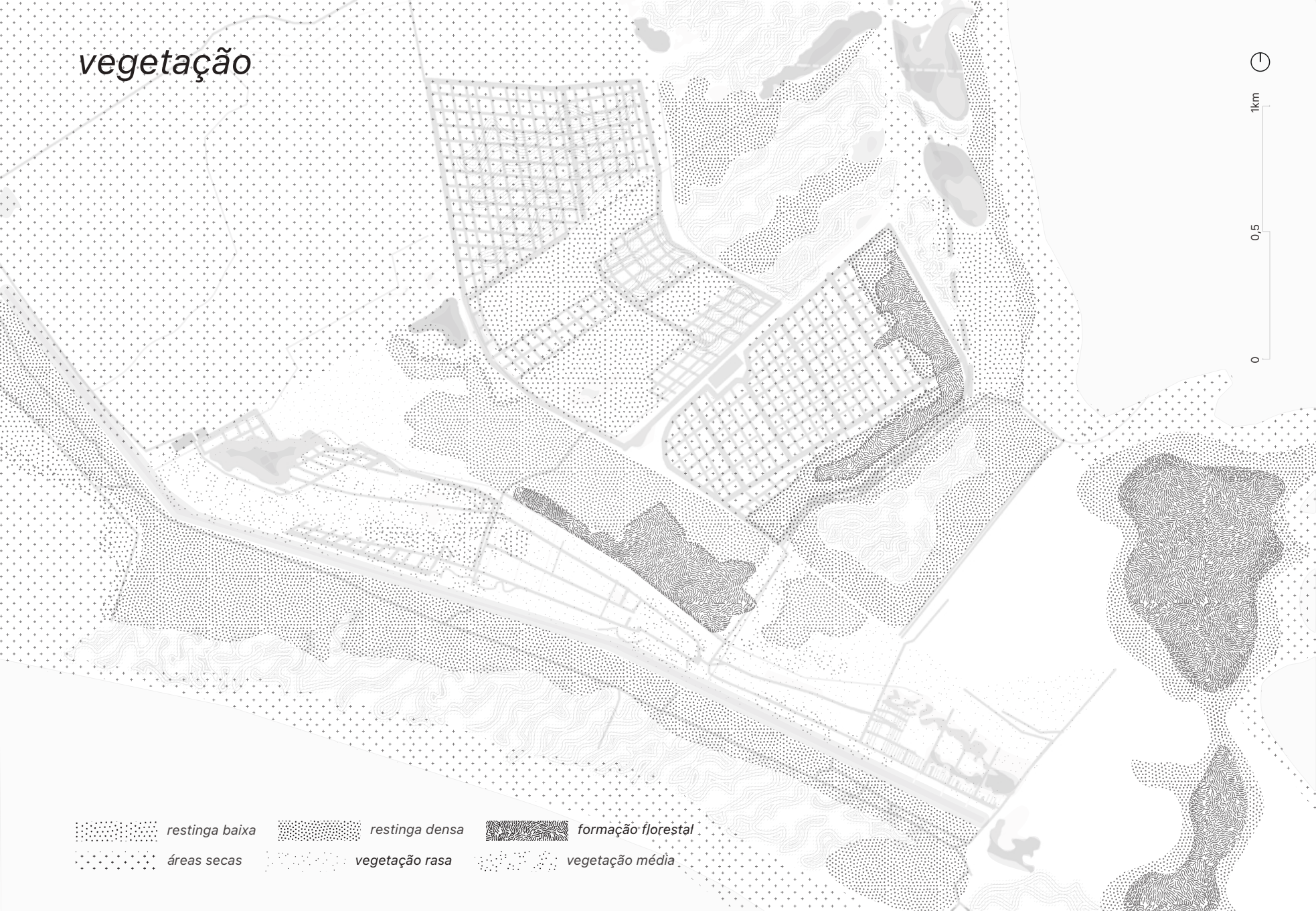
Foto 35.
Brejo próximo aos tanques das salinas.



Foto 36.
Lagoa paralela à Praia do Foguete, destino de esportistas para prática de kitesurf.



vegetação



-  restinga baixa
-  restinga densa
-  formação florestal
-  áreas secas
-  vegetação rasa
-  vegetação média



1km

0,5

0

dunas



 dunas



1km

0,5

0

águas



1km

0,5





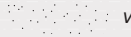
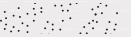

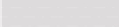
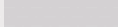
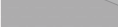
0

águas rasas águas águas profundas



agentes e dinâmicas



- | | | | |
|--|--|--|---|
|  restinga baixa |  restinga densa |  formação florestal | |
|  áreas secas |  vegetação rasa |  vegetação média | |
|  dunas |  águas rasas |  águas |  águas profundas |



1km

0.5

0

temporalidades

A combinação das ações dos agentes ao longo das estações proporciona uma dinâmica nos cenários. Os agentes detêm um papel importante na transformação da paisagem.

As mutabilidade dos planos vegetais, dos canais, da profundidade das lagoas e da topografia são constantemente afetados pelos agentes que secam, movimentam, transportam e irrigam.

Essa temporalidade cíclica e também imprevisível conduz o projeto a propor intervenções que abracem as dinâmicas e que sejam também afetados pela sua temporalidade - nesse sentido, o parque se submete ao movimento e a mudança.



Diagrama 02.
Esquema de rotatividade de alagamentos durante o ano, em paralelo ao processo de salinização.

Sustentado pela narrativa da matéria do sal como fio condutor projetual, busca-se explanar as questões da produção salineira, de suas memórias industriais e culturais através das vivências e experiências propostas pelo parque.

De caráter comunitário e participativo, o parque se desenvolve no âmbito do setor turístico, prevendo atividades que reintegrem-o as atuais dinâmicas e estimulem um resgate cultural e de valores através das salinas.

s a l . a r r a i a l

t e m p o r a l i d a d e d o s a l e s u a s
f u n ç õ e s n o r e s g a t e c u l t u r a l

reminiscências

Quando se fala do simbolismo latente tão presente no território da Álcalis, entendemos por Rosalind Krauss e Robert Smithson¹¹ que os monumentos podem ser formas simbólicas das memórias até então imateriais de um lugar. Ao se materializarem, fazem uma mediação daquele lugar de imagens abstratas para um lugar de imagens legíveis e apropriáveis. Respectivamente, segundo Smithson¹², o vazio perceptivo enfraquece a capacidade de atenção e articulação da memória, enquanto o estímulo à percepção evidencia a busca por signos potenciais na paisagem e estimulam novas e individuais relações do indivíduo com o mundo.

A importância da criação de monumentos retrospectivos como reafirmações desses lugares - neste caso específico, as salinas da Álcalis - ativa conjuntamente a ideia de deslocamentos com estímulos perceptivos por toda essa área que agiram como um convite ao visitante a lembrar memórias culturais e individuais que até então são abstratas e desmaterializadas.

A aplicação de tais questões na área da Álcalis, perpassa três estratégias:

11 KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Gávea, 1984

SMITHSON, Robert. Entropy and the new monuments. Em: FLAM, Jack.

12 SMITHSON, Robert. Entropy and the new monuments. Em: FLAM, Jack.

10 Zumthor, em "Thinking Architecture", evidencia a importância dos atores do local, como o sol e o vento (nesse caso, falando especificamente dos atores perceptivos na produção salineira), e a convocação destes para participar do estímulo perceptivo no lugar, afim de serem potencializadores das experiências a serem vividas.

_a ideia dos percursos da água, aleatórios e não-programados como estratégia de criação formal de deslocamentos que evidenciem o estímulo e a liberdade e reintegrem o parque à cidade. Além de reforçar os agentes do sal como protagonistas nesse território.

_um partido de intervenção dual, pondo em cheque as diferenças entre as existentes paisagens naturais e antrópicas, intervindas e intocada; propondo usos e a reativação das áreas de importâncias simbólicas e culturais.

_apropriação da infraestrutura já existente no local a fim de ser aparato na amplificação da paisagem do sal.

Aproximando tais análises ao campo da arquitetura, Peter Zumthor demonstra como os estímulos aos sentimentos¹⁰ (que são enraizados ao passado e, logo, à memória individuais) se projetam na forma como perceberemos a paisagem e as espacialidades. Dai, surgem questões sobre as quais pretende-se fomentar estratégias: como os sentidos relacionados a esses agentes poderiam magnificar os que estão sendo propostos? Quais são as atividades ideais para estimular a memória e novos significados para essa área a partir da experiência da percepção?

Na defesa de que a

percepção é sutil e delicada, e que instiga canais de memórias naqueles que vivenciam o espaço, é necessário entender a intervenção arquitetônica como escultura, essa que magnifica a paisagem, e não a sobrepõe. Escultura, defendida por Zumthor¹⁴, tanto como arte espacial, quanto como arte temporal, onde o deslocamento entre as coisas (que agora dialoga com as ideias de Smithson¹⁵, previamente citadas) “vagueia livre [...], não por condução mas por sedução, depois dando orientação, e novamente largando e dando liberdade”. Defendendo, então, que as ideias de deslocamento entrópico de Smithson e de Zumthor vejam beleza nas possibilidades e casualidades, pela arte de prover com espaços a sedução à experiência.

A partir dessa leitura, pretende-se interpretar a poética das salinas para além das suas possibilidades factíveis de potencialização das dinâmicas biofísicas, socio-culturais e produtivas. Entendendo a poética da matéria (seus estímulos sensoriais; a efemeridade/rotatividade dos ciclos da água no processo de extração salina; água no processo de extração salina; a mutabilidade e alternância da paisagem nativa com a paisagem antrópica), objetiva-se alcançar espacialidades que valorizem também as apropriações com memórias pessoais, de forma a serem

14 ZUMTHOR, Peter.
Thinking architecture.
Basel, Birkhäuser,
2010

ZUMTHOR, Peter.
Atmospheres:
architectural
environments,
surrounding objects.
Basel, Birkhäuser,
2006.

15 SMITHSON,
Robert. Entropy and
the new monuments.
Em: FLAM, Jack.

espaço para criação de novas vivências e histórias.

O objetivo de ressignificar a área relativa às salinas da Álcalis, dialoga com o limite da compreensão do que é local e do que é intervenção. Seja essa intervenção, a paisagem antrópica da própria CNA ou de uma futura ação projetual que vise recodificar/ressignificar o local (KWON, 2011).

cenários

Seguindo a lógica e a intenção de ressignificar a área e, em paralelo, evidenciar as interações com as dinâmicas do lugar (em especial, sua mutabilidade e capacidade de apropriação das reminiscências para se regenerar) busca-se destacar áreas onde esses contrastes sejam mais complexos, nítidos e ricos para a investigação projetual.

Embasado, novamente, pelo discurso presente no Manifesto da Terceira Paisagem¹⁶, o projeto entende as bordas/margens¹⁷ como um território de espessura que abriga qualidades investigativas para proposições de espaços de ócio dominados pela presença da natureza. Assim, se evidencia uma paisagem do “entre”: paisagem limiar e complexa dentro da leitura de margens residuais - assim como as margens deixadas após a falência da Alcalis.

Destacar as bordas ajuda a revelar, de forma racional, as áreas de maior riqueza para a investigação. Também ajudando na delimitação de áreas para ação de restauração vegetal e de áreas com potencialidade sensorial - fator essencial para a concepção de percursos que enalteçam a memória do local vinculada a matéria do sal.

16 CLEMENT, Gilles.
Manifeste du Tiers
Paysage.
Éditions Sujet/Objet,
Paris, 2004

17 Limites territoriais
procedentes do
traçado da indústria.
Estes, coexistem lado
a lado às áreas de
preservação natural
com parâmetros
de preservação
rígidos, evidenciando
um contraste entre
áreas de extração
com áreas de vida
selvagem.

cenários de borda



salinas secas x restinga preservada

restinga preservada x formação florestal

salinas secas x salinas em regeneração

salinas secas x salinas em regeneração

salinas secas x formação florestal

salinas secas x traçado urbano (rodovia)

salinas alagadas x salinas vegetadas

salinas em regeneração x salinas vegetadas

canais alagados x restinga preservada x salinas em regeneração

salinas vegetadas x restinga preservada

salinas alagadas x salinas secas

cenários de investigação

Para definir as ações, uma vez que se lida com tantos fatores e cruzamentos, foi proposto a investigação em 3 escalas:

_ a escala dos grandes volumes¹⁸: a partir da leitura da topografia das dunas e dos grande alagamentos em paralelo aos tanques de salinas construídos

_ a escala dos planos¹⁹: a partir da leitura dos planos vegetais e suas qualidades em paralelo com a criação de planos para experiências sensoriais ao longo do parque

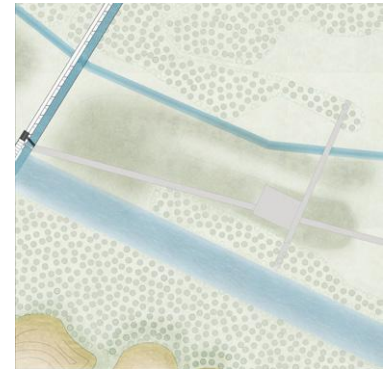
_ a escala das linhas²⁰: a partir da leitura dos caminhos e da malha da indústria (os canais e as salinas) em paralelo à criação de caminhos

Assim, com cenários de investigação mais aproximados é possível desenhar e definir ações mais sensíveis aos cruzamentos e as apropriações que deles surgirão.

18 Figura 10
"volumes".
Destaque da mutabilidade do lugar, devido às dinâmicas das dunas e das lagoas.



19 Figura 11
"vivências".
As vivências do espaço são possibilitadas pelo caráter sensorial do lugar e potencializadas pela matéria do sal e suas dinâmicas naturais que convivem lado a lado durante todo o percurso.



20 Figura 12
"linhas".
Espelhados nas intervenções da indústria através dos recortes ortogonais na topografia originária.



diretrizes

Em paralelo ao primeiro grupo de investigações - as conformações das dunas - a primeira ação é aterrar. Embasada em ações do Plano de Manejo do PECS, a proposta visa a criação de um corredor de dunas que potencialize a conexão parque - salinas.

Propõe-se o movimento de areia intencional para criação de novas topografias em áreas secas, vastas e sem potencial qualidade biológica,. Essas são instigadas e possibilitadas pela presença de estruturas que contém e armazenam a areia, além de serem passíveis de adensamento de uma vegetação herbácea que atua na fixação das dunas.

Os aterros ficam à mercê dos agentes do local (sol e vento) que irão mudar sua forma ao passar do tempo²¹. Que da qualidade a um parque “em movimento”.

As mesmas estruturas, acabam por proporcionar visitação e acesso as dunas e a cotas mais altas que possibilitem uma visão privilegiada do entorno: remontando as práticas tradicionais dos vigias da pesca²² e seus posicionamentos nas dunas.

21 “A Terceira Paisagem, espaço de poderosas dinâmicas, muda de forma com o passar do tempo”, Gilles Clement em Manifesto da Terceira Paisagem

22 Figuras SS, TT e UU no anexo.



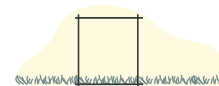
DUNA CONTIDA

estrutura de apropriação que possibilita o adensamento de vegetação herbácea para a contenção do movimento das dunas



DUNA LIVRE

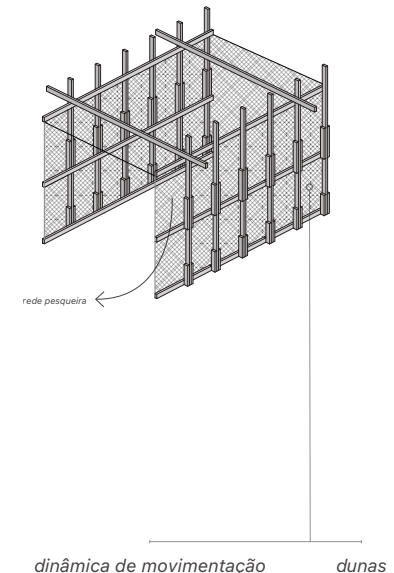
estrutura de apropriação permeáveis que permitem passagem livre das dunas



DUNA FIXADA

estrutura com vegetação herbácea desenvolvida provocam a fixação das dunas

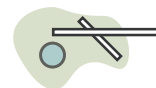
INTERVENÇÃO



O segundo grupo de investigações embasa a ação de sentir - uma vez que retraram as intervenções voltadas a vegetação, suas cores, texturas e cheiros.

Os caminhos atravessam planos vegetais e propõem experiências através de planos e áreas abstratas de texturas como sal, cascalho, água. De forma crítica, remontam uma intervenção precedente, mas despertam características sensoriais, uma vez que ficam à mercê dos agentes do local (sol e vento) que irão influenciar nas sensações ao percorrer o local: ora sombreado, ora sem incidência de vento, ora com potencialidade acústica, ora seco, ora molhado, ora muito branco, ora barulhento.

Para isso, indica-se a retirada da vegetação invasora para novas apropriações através do replantio da vegetação originária. Propondo áreas distintas para cada especificidade da restinga através de nuances de densidades vegetais próprias para cada experiência: inundáveis, formações florestais, arbustivas



BOLSÕES DE VEGETAÇÃO

replanteio da vegetação originária nas áreas que apresentam atual regeneração

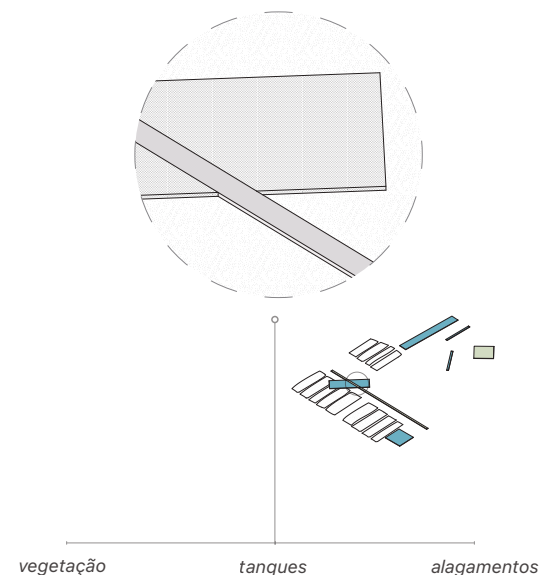
JARDINS SENSORIAIS

bolsões com diferentes estímulos sensoriais, explorando a diversidade, cores e texturas da restinga

PLANOS DE VIVÊNCIAS

interseções com materialidades da indústria: sal, areia e água compõem vivências intermitentes

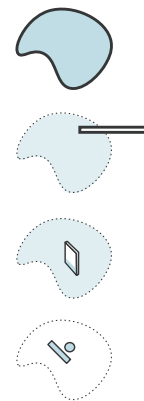
INTERVENÇÃO



Ainda em paralelo ao primeiro grupo de investigações - quanto as conformações dos alagamentos e concomitantemente em relação ao terceiro grupo - de canais lineares - a ação é demarcar.

Propõe-se a contenção das águas e/ou a demarcação simbólica dos níveis que a mesma alça. Longe de uma intervenção autoritária, a estrutura sublime permite uma aproximação imagética aos limites, especialmente por se tratar de áreas tão vastas.

As diversas variações desta mesma diretriz demonstram a interseção que a água causa com os demais elementos.



LAGOA CONTIDA

linhas de contenção das águas de alagamentos

LAGOA EMPOÇADA

canais sazonais empoçam formando novas lagoas e enaltecem a intermitência da presença da água

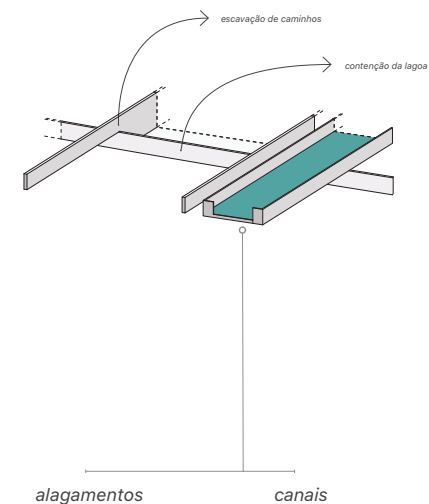
PREAMAR

planos abstratos que marcam o nível das águas nos alagamentos permanentes

BAIXAMAR

planos abstratos em áreas de alagamentos sazonais, evidenciando a presença da água de forma mimética aos tanques submersos

INTERVENÇÃO



Quanto ao segundo grupo de investigações - as experiências proporcionadas pelas diversas e atmosferas do espaço - submete-se à ação de acessar, oferecendo um traçado de percursos que possibilitem a experiência das dinâmicas do lugar, da mutabilidade da matéria e da visualização dos contrastes e complexidades das bordas (CLEMENT, 2004).

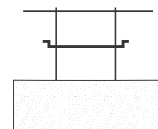
Os percursos ficam, também, à mercê dos agentes do local (sol e vento) que irão influenciar no modo em que podem ser percorridos: ora estando alagados, ora estando cobertos por areia de novas dunas... Para além disso, acompanham os eixos dos canais permanentes e sazonais, traçando um paralelo entre o livre vaguear das águas da indústria e o visitante do parque; ao passo que expõe de forma crítica as estruturas antrópicas que cortam todo esse território

Os caminhos também transmitem mensagens sobre a importância da vegetação, se apoiando e atravessam de forma diferente espacialidades protegidas por parque nacional.



ENTERRADOS

caminhos que acompanham os canais sazonais e ficam enterrados a - 1,30m



ELEVADOS

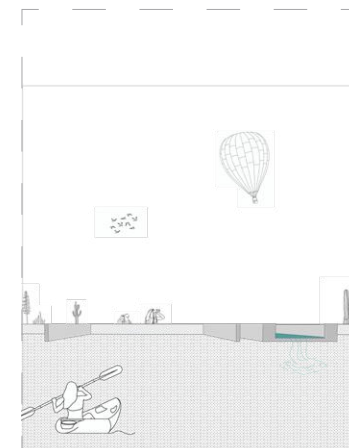
caminhos que atravessam massas vegetais e se elevam a 2m



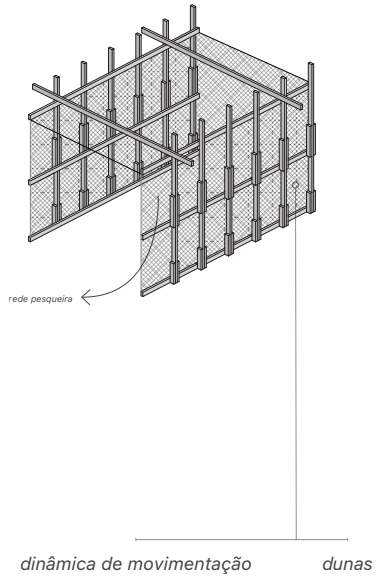
APOIADOS

caminhos localizados em áreas que não apresenta vegetação

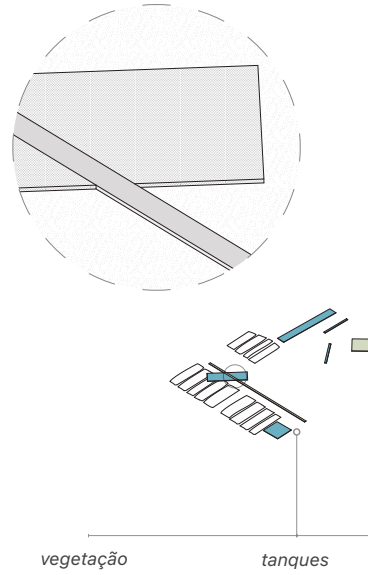
INTERVENÇÃO



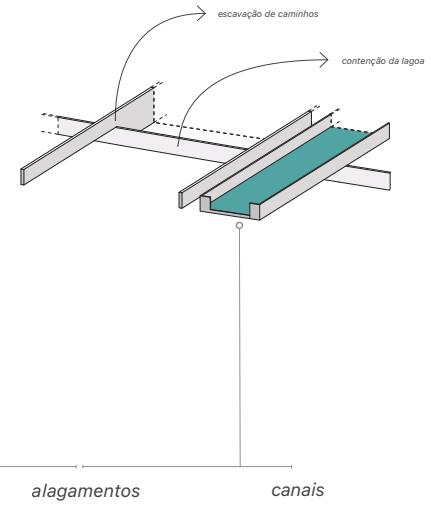
elementos



ESTRUTURAS DE APROPRIAÇÃO

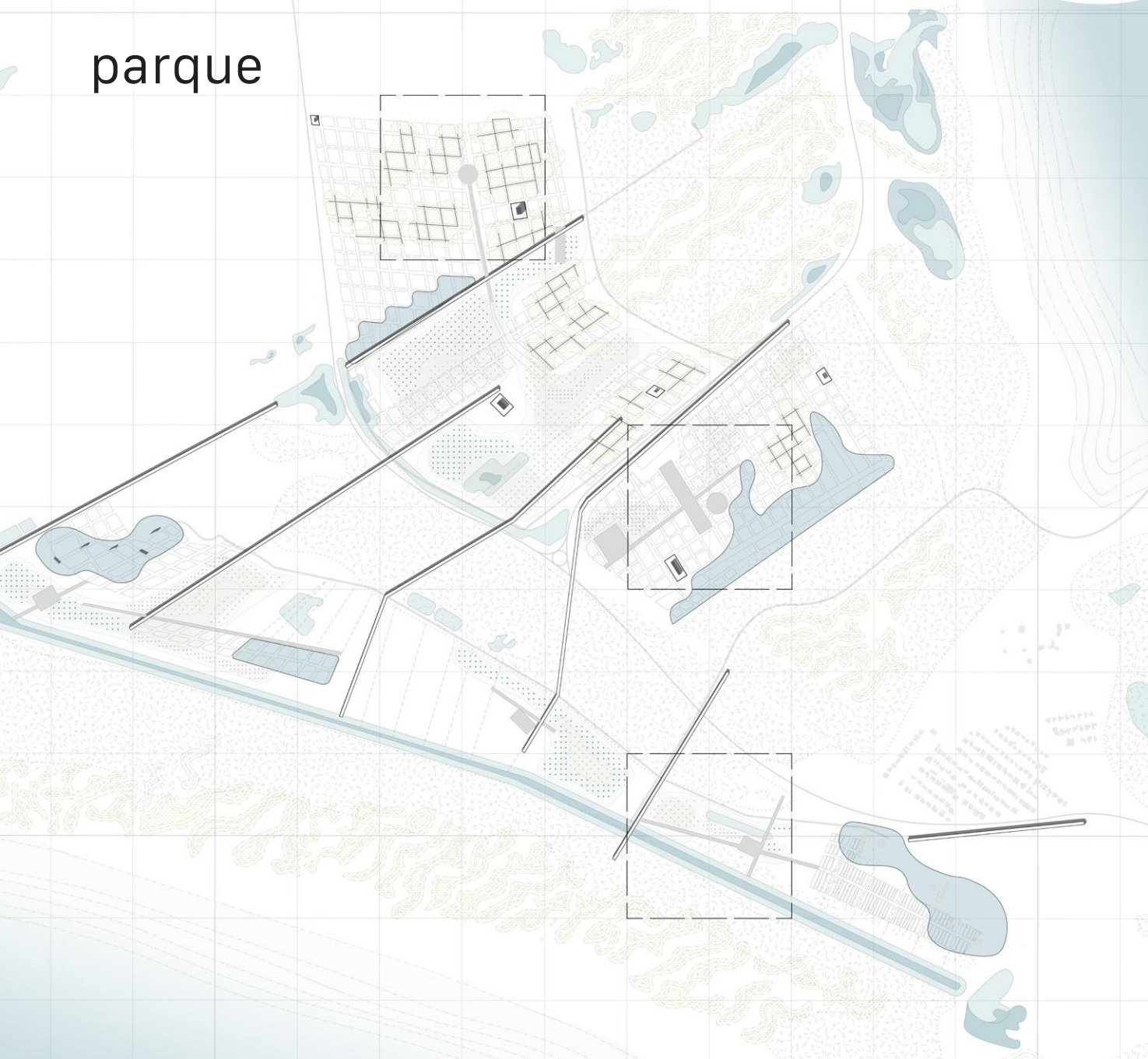


PLANOS DE VIVÊNCIA



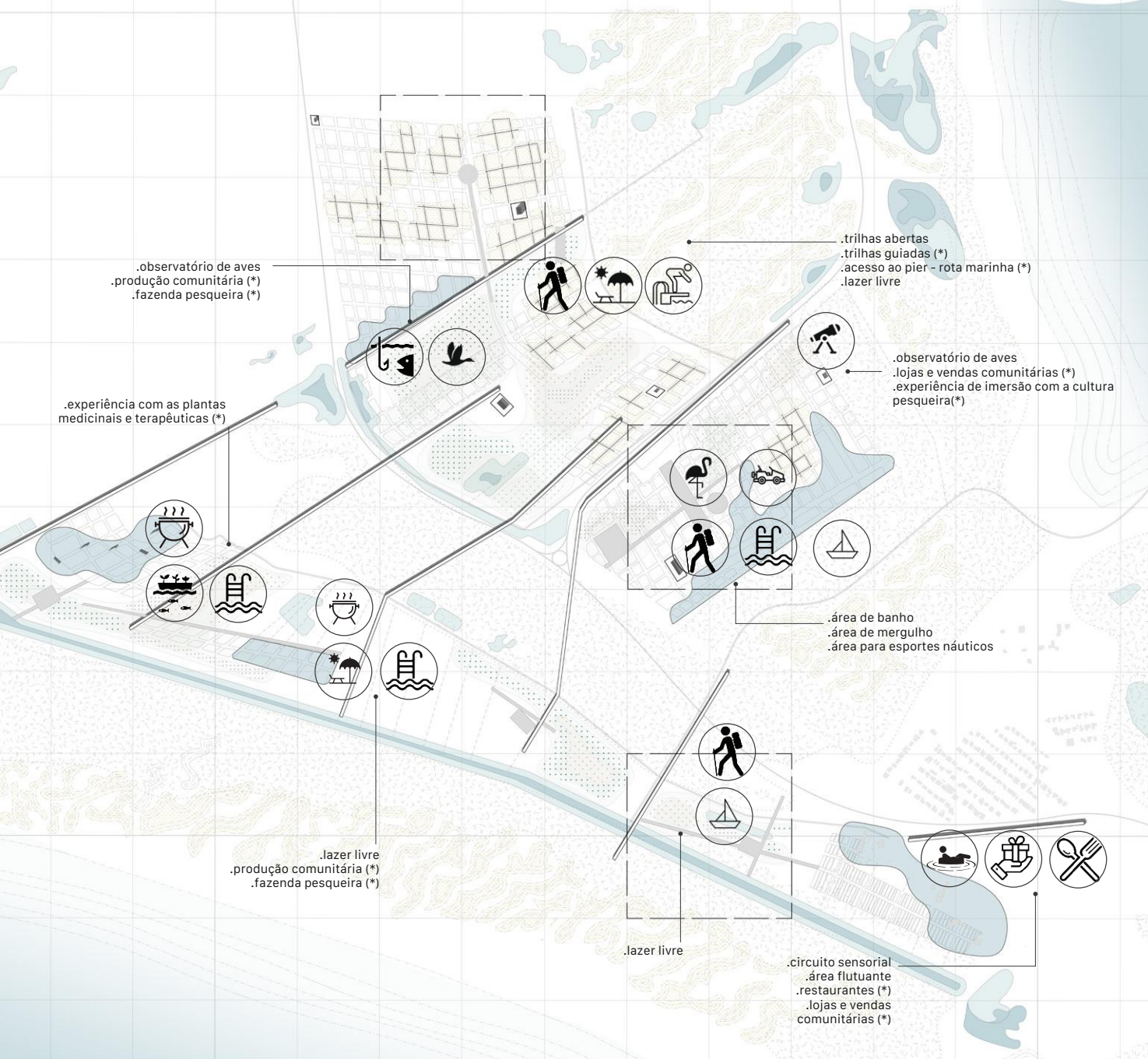
LINHAS DE CONTENÇÃO

parque



- área de vegetação inundável
- jardim de cactos
- área de restinga gradual
- área de vegetação arbustiva
- área de formação florestal
- área de vegetação preservada
- áreas inundáveis
- planos de materialidade do sal
- formações topográficas: dunas





.observatório de aves
 .produção comunitária (*)
 .fazenda pesqueira (*)

.experiência com as plantas
 medicinais e terapêuticas (*)

.lazer livre
 .produção comunitária (*)
 .fazenda pesqueira (*)

.lazer livre

.circuito sensorial
 .área flutuante
 .restaurantes (*)
 .lojas e vendas
 comunitárias (*)

.área de banho
 .área de mergulho
 .área para esportes náuticos

.observatório de aves
 .lojas e vendas comunitárias (*)
 .experiência de imersão com a cultura
 pesqueira(*)

.trilhas abertas
 .trilhas guiadas (*)
 .acesso ao pier - rota marinha (*)
 .lazer livre

-  .observatórios
-  .observatórios de aves
-  .área de parada de aves migratórias
-  .fazenda pesqueira
-  .área de lazer livre
-  .decks de lazer
-  .lagoa flutuante
-  .acesso a lagoa
-  .pier - rota marinha
-  .área de navegação e esportes náuticos
-  .caminhos
-  .trilhas abertas/guiadas
-  .centro comunitário e lojas
-  .restaurantes comunitários



estruturas de apropriação



torres de observação



ação do tempo

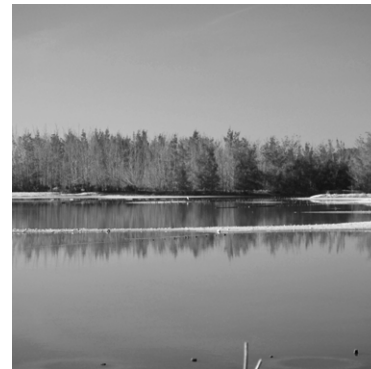
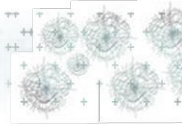


planos inundáveis

as bordas de sal

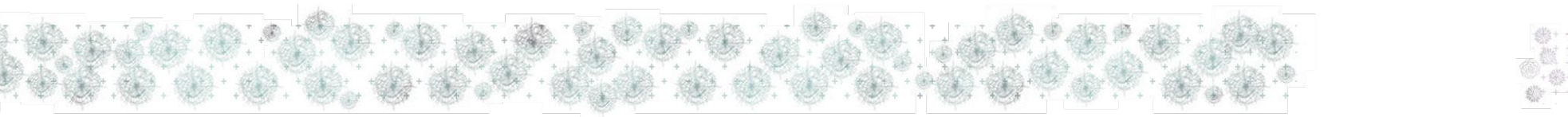


vegetação herbácea inundável



planos vegetais

manutenção de trechos
da vegetação invasora:
casuarina



planos sensoriais

vegetação herbácea
não-inundável

vegetação arbustiva



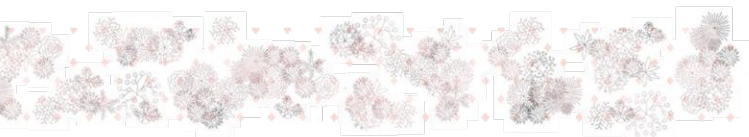
planos de vivências

vegetação arbustiva

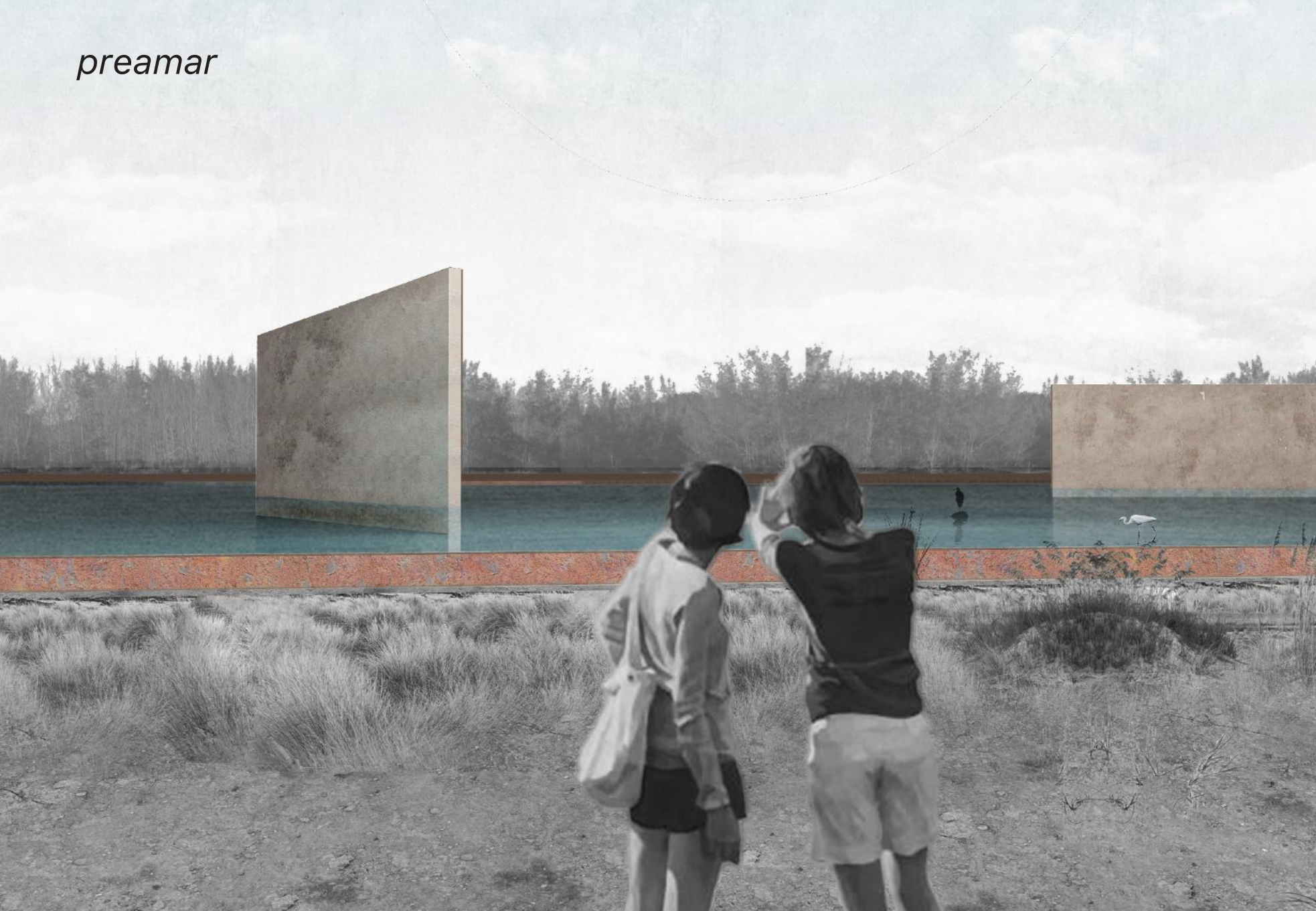
formação florestal



vegetação herbácea inundável



preamar



baixamar



Como conclusão desse processo analítico-investigativo, resume o espaço coletivo como um lugar de valorização das memórias socioculturais e das importantes dinâmicas da natureza.

Ao propor ações de projeto, explora-se soluções que deem mais poder à metamorfose resultante destas dinâmicas do que ao traço e ao gesto projetual. Assim, evitando intervenções autoritárias, buscando lidar com a complexidade do passado e do presente e abraçando possibilidades de um futuro mais sensível à poética que a natureza de Arraial suscita.

*As ações mínimas evidenciam a paisagem limiar e complexa,
- fruto da concordância com o conceito da Terceira Paisagem
- fazendo uma leitura das margens residuais da indústria com a natureza selvagem. Tais ações mantem o parque “em constante movimento”, alterando com o passar do tempo suas formas, suas atmosferas, seus usos, seus acessos e, conseqüentemente, suas experiências. Por isso, destaca-se a importância do tempo na experiência (individual e coletiva) do parque, abrangendo a poética e a qualidade cênica do espaço em qualquer escala.*

epílogo

importância sensorial
do passar do tempo
na transformação do espaço coletivo

a n e x o s

m a t e r i a l c o m p l e m e n t a r

salinas familiares vs industriais

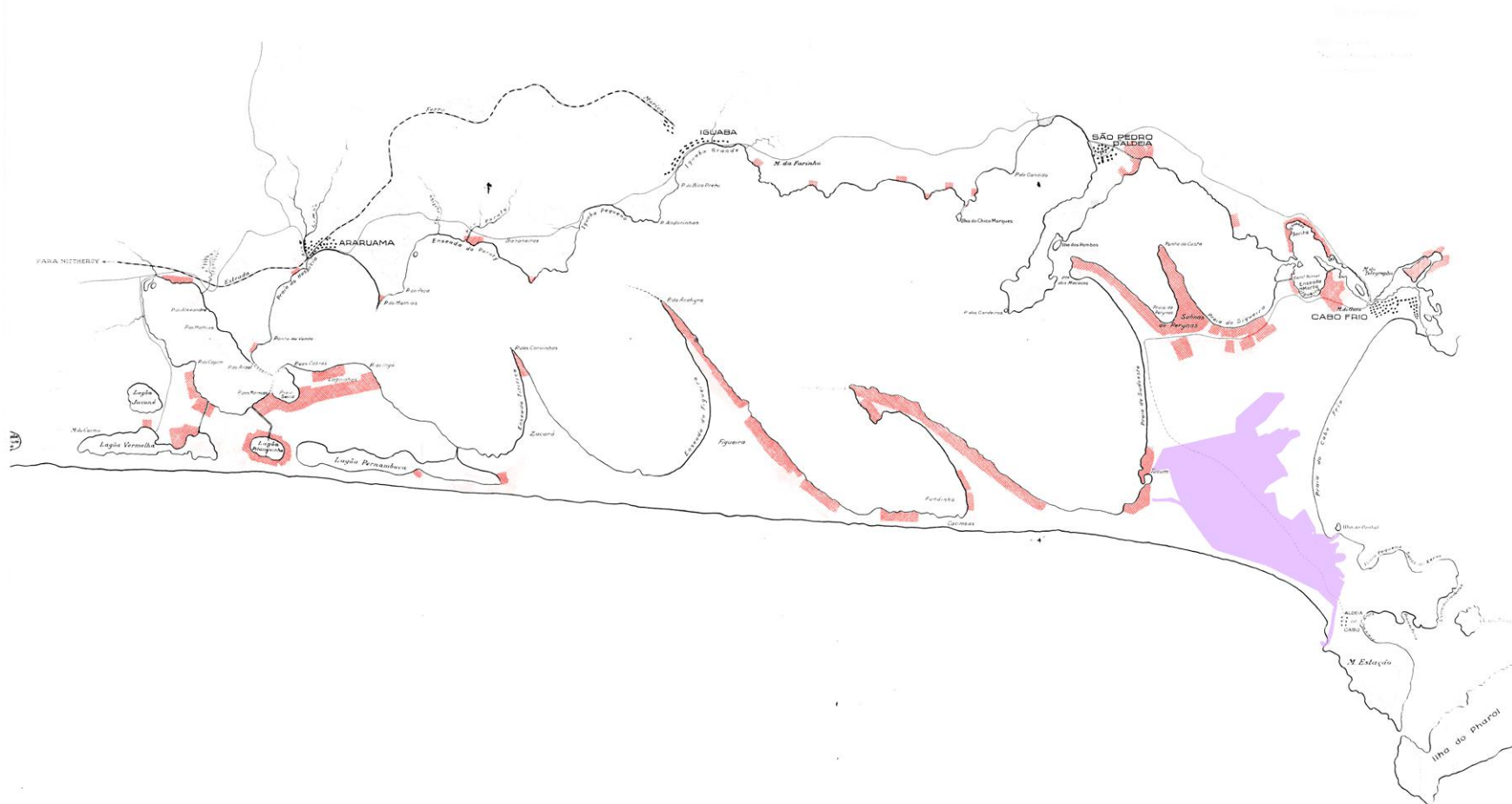


Figura AA
registro de
trabalhadores na
retirada do sal, em
uma salina familiar
em Araruama

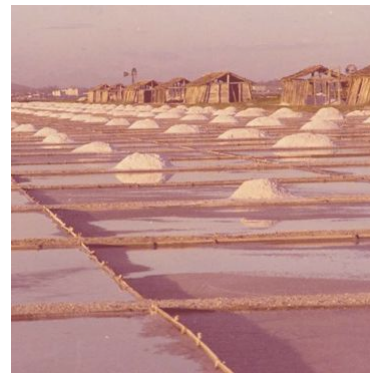


Figura BB
área das salinas, com
caráter comercial e
dimensões maiores
do que as tradicio-
nais.



Figura CC
área das salinas da
Companhia Nacional
de Álcalis, registro
dos tanques cristal-
izadores, maiores que
o distrito-sede de
Arraial do Cabo.

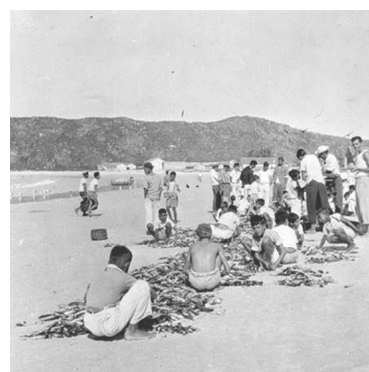


Figura DD
trabalhadores
retirando sal e at-
ravessando as salinas
por estruturas de
madeira que dividiam
os tanques

Figura EE
registro de tra-
balhadores em um
monte de sal, com a
presença
dos moinhos no
fundo da imagem.

Figura FF
pescadores e
salgadeiras retirando
os peixes da rede
para realizar a salga
do peixe.

Figura GG
Praia apenas
acessível pelo mar,
através de diferentes
embarcações.



Figura HH
Praia do Forno,
Arraial do Cabo.

Figura II
Praia do Forno,
Arraial do Cabo.

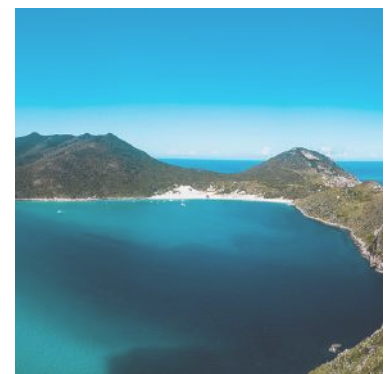


Figura JJ
Panorâmica, área de
passeio dos barcos e
escunas, boqueirão e
praias do pontal.

Figura KK
Mergulho.



Figura LL
Passeios para batis-
mo em mergulho.

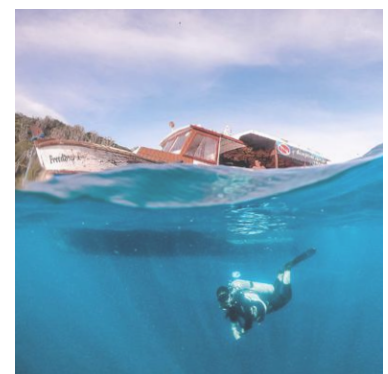
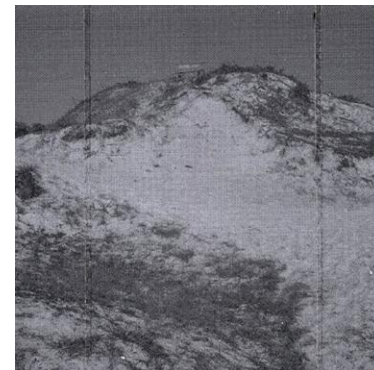


Figura MM, NN, OO,
PP, QQ e RR
Ensaio de
possibilidades



Figura SS
ICMBio e IPHAN:
Chancela da
Paisagem Cultural,
Patrimônio Material e
Imaterial. Os vigias e
a cultura da pesca.

Figuras TT, UU
ICMBio e IPHAN:
Chancela da
Paisagem Cultural,
Patrimônio Material e
Imaterial. O banco do
vigia, sobre as dunas



bibliografia

ANÁLISES E CONCEITOS PARA PROPOSIÇÃO DE DIRETRIZES

TARDIN, Raquel. Espaços livres: sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008

HOUGH, Michael. Naturaleza y Ciudad. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

MCHARG, Ian. Design with Nature. N.Y.: American Museum of Natural History by the Natural History Press, 1969

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998.

BERQUE, Augustin. Médiance: de milieux en paysages. Paris: Reclus, 1990

GIROT, Christophe. The Elegance of Topology. Berlin, 2013

POTENCIAL NO ABANDONO INDUSTRIAL

CLEMENT, Gilles. Manifeste du Tiers Paysage. Éditions Sujet/Objet, Paris, 2004

PERCEPÇÃO E MEMÓRIA

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Rio de Janeiro: Gávea, 1984.

SMITHSON, Robert. Entropy and the new monuments.

Em: FLAM, Jack.

ZUMTHOR, Peter. Thinking architecture. Basel, Birkhäuser, 2010

_____ et al. Atmospheres: architectural environments, surrounding objects. Basel, Birkhäuser, 2006.

IMPORTÂNCIA SALINEIRA

COSTA, Diógenes Félix Da Silva. Caracterização ecológica e serviços ambientais prestados por salinas tropicais. Dissertação (Doutorado em Biologia) - Departamento de Biologia, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2013

ROCHA, Renato de Medeiros. Workshop: Aspectos gerais do potencial de negócio do ambiente hipersalino
_____ et al. Aquatic Biosystems 2012. Brazilian solar saltworks: ancient uses and future possibilities

SÉJOURNÉ, Sonia. Turning ecological management into economic value: The case of the Aigues-Mortes salt-marshes, Camargue, France.
Em: Solar Salt Works & Economic Value of Biodiversity.

RESTINGA

BUENO, Cecília. APA DE MASSAMBABA.

DA FONSECA-KRUEL, Viviane Stern; PEIXOTO, Ariane Luna; DE SÁ, Cyl Farney Catarino. Plantas úteis da restinga: o saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006

t f g l l 2020

j ú l i a d a h e r

o r i e n t a ç ã o :
c a r l o s f e f e r m a n e r a q u e l t a r d i n